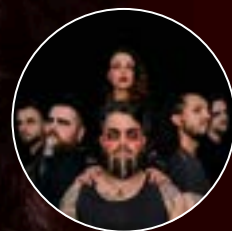


# Dissonância

ABRIL DE 2026  
EDIÇÃO Nº 8

## ALBA MARIAH

A força atemporal  
de um Temporal  
que completa  
60 anos



### MAGISTRY

*A transmutação do  
silêncio: o novo ciclo  
da Magistry*



### ALEXANDRE ESCHER

*O lar que cabe em  
uma corda de violão*



### SÉRGIO LOURENÇO

*O homem que pinta  
atmosferas*

### LEIA TAMBÉM

- Rogério Espósito: Desenraizamento, o verdadeiro tema por trás da “Depressão Pós-Disney”
- Hélio Silva: A estranha vizinha da rua de trás
- Val Porto: O Livro da existência inevitável

## EDITORIAL – 8ª EDIÇÃO

Ser independente nunca é uma escolha fácil, nem sei se é uma escolha de fato, acredito que seja mais uma espécie de postura. Uma teimosia bonita contra tudo que empurra artistas e veículos culturais para a mediocridade do mercado, para o barulho sem substância, para a visibilidade vazia.

A Dissonância nasceu dessa teimosia e a 8ª edição é mais uma prova de que ela vale a pena.

Cada texto que publicamos aqui é construído com rigor, pesquisa e respeito genuíno por quem faz arte fora dos circuitos convencionais. Não publicamos notas. Não publicamos releases disfarçados de matéria. Publicamos histórias completas, densas, verdadeiras, porque o artista independente merece uma cobertura à altura do que cria.

Elevar o jornalismo cultural independente era nossa pretensão desde o início, desde a primeira linha de texto lançada. É uma responsabilidade que assumimos no nascedouro. Quando a grande mídia ignora, quando os algoritmos enterram, quando o mercado descarta, a Dissonância está aqui, documentando, preservando, amplificando.

Nos orgulhamos de encabeçar esse caminho. Não porque somos perfeitos, mas porque não abrimos mão do que acreditamos: jornalismo de verdade, feito do jeito que deve ser.


Boa leitura.

Tião Folk  
Editor – Revista Dissonância

Entre em contato conosco e descubra como fazer parte do ecossistema Dissonância

[contato@dissonancia.com](mailto:contato@dissonancia.com)

DISSONANCIA.COM

 (21) 96736-6260

 @dissonanciabr

 @dissonanciabr

#### CONTATO / IMPRENSA

Para dúvidas e sugestões de pautas, entrar em contato com o Editor Responsável da Dissonância.

#### TIÃO FOLK

Email: [tiaofolk@dissonancia.com](mailto:tiaofolk@dissonancia.com)

Tel / Whatsapp: (41)98783-9137

Instagram: @tiaofolk

[www.tiaofolk.com](http://www.tiaofolk.com)

Músico, cineasta e jornalista cultural independente. Fundador e editor responsável pelo portal Dissonância, dedica sua atuação ao mapeamento da cena artística independente brasileira. Assina a coluna de perfis biográficos da revista com ênfase em música regional e folk urbano; produz curtas-metragens autorais e clipes. É também apresentador do programa Tião Folk, veiculado em rádios web do Brasil.

Divulgue sua marca na Dissonância

REVISTA  
**DISSONÂNCIA**

ENVIO DE MATERIAL:  
[contato@dissonancia.com](mailto:contato@dissonancia.com)  
(21) 96736-6260

#### OUÇA AS RÁDIOS PARCEIRAS



## ÍNDICE

- 05 - Alba Mariah: A força atemporal de um temporal que completa 60 anos
- 11 - Alba Mariah em dissonância: entrevista exclusiva
- 18 - Página bio-discográfica: Alba Mariah
- 19 - O livro da existência inevitável
- 20 - Sérgio Lourenço: o homem que pinta atmosferas
- 27 - Sérgio Lourenço em dissonância: entrevista exclusiva
- 30 - A transmutação do silêncio: o novo ciclo da Magistry.
- 37 - Magistry em dissonância: entrevista exclusiva
- 41 - Página bio-discográfica: Magistry.
- 42 - Desenraizamento: o verdadeiro tema por trás da “depressão pós-disney”
- 44 - Alexandre Escher: o lar que cabe em uma corda de violão
- 49 - Página bio-discográfica: Alexandre Escher
- 50 - Alexandre Escher em dissonância: entrevista exclusiva
- 54 - A estranha vizinha da rua de trás - um conto de Hélio Silva

# Alba Mariah: A Força Atemporal de um Temporal que Completa 60 Anos

Por Clara Mello

*Esta matéria conta a história de uma mulher que, aos 60 anos, utiliza a maturidade como força, não como desculpa.*



Pessoal, eu preciso começar esta matéria confessando uma coisa: chorei. E não foi aquele choro bobo, não. Foi daqueles que vêm quando a gente se depara com uma história de vida tão potente, tão cheia de arranhões e cicatrizes que viraram medalhas, que a gente não tem como segurar. Alba Mariah, a artista que estampa a capa desta 8ª Edição da Revista Dissonância, é exatamente isso: uma mulher que fez da persistência o seu palco e da originalidade o seu repertório. E se você está aí pensando “égua, mais uma cantora paraense”, pode apagar essa ideia agora mesmo, porque essa mulher é um temporal, e temporais não se ignora, temporais transformam paisagens.



Na capa da 8ª edição da Revista Dissonância, ela está lá: Alba Mariah, em toda a sua força mezzo-soprano, olhar direto e sem concessões.

Assino esta matéria com o coração acelerado, porque aquele tipo de pessoa que não consegue disfarçar quando encontra uma mulher que realmente guerreou, levou porrada, disse não onde todo mundo dizia sim e, mesmo assim, construiu algo sólido.



Eu preciso confessar que quando li o material sobre Alba Mariah, precisei parar, respirar fundo e agradecer ao universo por existirem mulheres assim. É por isso que Alba merece ser capa desta edição, porque ela personifica aquilo que a Dissonância mais valoriza: originalidade feroz e persistência sem pose.



No dia 18 de fevereiro de 2026, enquanto celebrava 60 anos de vida e 44 de estrada, Alba Mariah fez um verdadeiro temporal. O lançamento do segundo volume de "Rastro de Saudade", tributo à obra do irmão Chico Sena, compositor falecido em 1986.



*Chico Sena*

O disco chegou às plataformas digitais como um presente de aniversário que ela mesma embrulhou com recursos próprios, muita fé e 44 anos de resistência.

A gênese de Alba Mariah reside em uma Belém onde o rádio era a janela para o mundo. Criada no bairro do Jurunas, ela cresceu em uma casa onde a música era um idioma cotidiano. Filha de Seu Ayres, que dominava o saxofone e a harmônica, e de Dona Anélis, uma "cantora afinadíssima" que executava as tarefas domésticas entoando melodias, Alba aprendeu cedo que a MPB era terreno de disputa afetiva entre os irmãos.



A própria artista relembra com um sorriso que “éramos craques de MPB, fazíamos disputa em casa de quem sabia mais música”. Esse aprendizado doméstico lhe deu uma bagagem eclética impressionante, captando desde boleros caribenhos até as ondas das rádios da Guiana, passando por Clara Nunes, Elis Regina, Edith Piaf e Belchior.

O salto para o profissionalismo ocorreu precocemente, aos 16 anos, nos palcos da Assembleia Paraense, na Avenida Presidente Vargas, no centro de Belém. Foi ali, sob a tutela do maestro Vidinho, que a chamou para a primeira banda profissional em que cantou, e de nomes como Walter Bandeira, que Alba começou a moldar sua identidade vocal.



Bandeira, uma das grandes vozes do Pará, foi quem a encorajou a explorar seus graves naturais, uma característica que se tornou a sua marca registrada. **“Você tem um grave bonito, tem que explorar esse grave”**, dizia ele, contrariando a moda das cantoras que saturavam os agudos como demonstração de poder. Quando Alba ouviu Clara Nunes e identificou na cantora aquele mesmo registro, alguma coisa mudou dentro dela, e enfim percebeu para onde deveria caminhar.

A indústria exigia coreografias ensaiadas, personagens fabricados, mulheres-loiras de saias curtas e cabelos cacheados. Ofereceram-lhe, em uma ocasião emblemática, a chance de gravar uma música que seria sucesso nacional com a condição de que se transformasse em outra pessoa, que “parecesse com uma cantora loira”, que vestisse um personagem. Alba recusou.



**“Eu queria me vestir de Alba, ser Alba, cantar as músicas que eu quisesse, e eu fiz isso e faço até hoje”.**

A decisão custou caro: a música tornou-se sucesso na voz de outro artista. Mas consolidou um princípio que guiaria sua trajetória: a recusa em abdicar de si mesma em troca de validação externa.



SIGA A PLAYLIST  
EDITORIAL  
DA REVISTA  
DISSONÂNCIA  
NO SPOTIFY

DISSONÂNCIA

A Nova Casa dos  
Artistas  
Independentes

Essa busca pela essência a levou aos palcos da França e da Itália, onde viveu e trabalhou profissionalmente por anos. Na Europa, viveu uma experiência transformadora com o maestro Franco Vallisneri, que a convenceu a abandonar o estudo do canto erudito. Vallisneri percebeu modificações na voz de Alba após meses de aulas com o maestro Carlo Peruri e a confrontou: ***"Mas por que você está fazendo canto erudito, se você é uma cantora popular, que tem uma voz pronta, uma voz com experiências próprias, uma voz conectada com a natureza, com o seu Brasil?"***. A resposta do mestre italiano foi definitiva: ***"A sua voz me transpõe ao Brasil, às matas, às cachoeiras... Não mude nada"***.



Essa vivência internacional permitiu que Alba construísse o que ela chama de "mosaico musical", onde canções italianas, francesas e argentinas se encaixam naturalmente na sonoridade paraense, criando um repertório que é, ao mesmo tempo, cosmopolita e profundamente enraizado.

O retorno ao Brasil e a maturidade consolidaram Alba como uma "alma nostálgica e saudosista", mas perfeitamente sintonizada com a contemporaneidade, construindo uma carreira paralela ao mainstream. Projetos autorais, homenagens. O ano de 2017 trouxe **"Simplesmente Vital"**, registro ao vivo de 15 músicas de Vital Lima.

Depois, 18 anos dedicados a Chico Buarque no Theatro da Paz, encerrados em 2024. Mas é com Chico Sena que o círculo se fecha. Durante a pandemia, ela inicia "Rastro de Saudade". Gravado, mixado, mas o audiovisual falha. Em vez de desistir, divide em três volumes e lança exatamente nos dias carregados de significado: 12 de janeiro (aniversário de Belém), 18 de fevereiro (seu aniversário de 60) e 7 de abril (aniversário de Chico Sena, que completaria 64). Numerologia, saudade, garra. ***"É uma visita emocional, sim... lágrimas de felicidade, emoção, por poder cantar ainda aos 60 anos."***

**"O álbum começou durante a pandemia. Ainda não tinha 60 anos, mas eu fiquei me questionando sobre o fato. Chico já se foi, eu tenho só um álbum, Simplesmente Vital, com a obra do Vital. E eu me perguntei naquele momento."**



No dia 27 de fevereiro de 2026, Temporal ocupa o Theatro da Paz, palco que ela sonhava desde criança. O título não é enfeito.



E quando o assunto é o Temporal, Alba faz uma conexão que vai além do título. Para ela, o conceito está ligado à força de Iansã, orixá de seu ori, *"a deusa do movimento, das tempestades, dos raios, dos trovões, mas também da bonança, aquela que traz a luz depois da tempestade"*.

**“Esse Temporal representa tudo... momentos de final de ciclo, que precisava cair aquela chuva, aquela tempestade pra que eu visse de novo a claridade e me reposicionasse com mais força.”**

***“O Temporal, ele me trouxe até aqui, aos 60 anos. Ele me trouxe muita bonança, muitas descobertas. Houve momentos que os raios me deram luz para que eu visse coisas que estavam boas ou ruins. Mas eu sou uma pessoa muito grata pela vida, muito grata por essa força ancestral que me habita, que me leva pra frente.”***

A singularidade de Alba Mariah no cenário independente brasileiro reside justamente na sua recusa em ser rotulada e na sua dedicação ao ofício contínuo. Num momento em que a indústria musical privilegia o descartável e o imediato, ela se mantém firme na proposição de uma obra que é, por definição própria, atemporal. Ela afirma com a tranquilidade de quem já fez as pazes com suas escolhas:

**“Eu consigo fazer com que coisas antigas, ou coisas de agora, de compositores que resistem, sejam atemporais. Mas eu tô sempre fora da tendência do mercado.”**



A Revista Dissonância existe exatamente para historiar vidas como essa. Nossa 8ª Edição traz Alba Mariah na capa porque acreditamos que a originalidade e a persistência são os valores mais subestimados da cultura contemporânea. Num ecossistema que premia o viral e o efêmero, escolher colocar na capa uma mulher de 60 anos, cabocla do Pará, que construiu sua carreira fora das grandes gravadoras e dos holofotes da mídia nacional, é também um ato de resistência. E se tem algo que essa revista sabe fazer é resistir junto.



Hoje, Alba Mariah vislumbra o futuro com a mesma coragem que a fez sair do Jurunas para o mundo. Com o lançamento gradual de **"Rastro de Saudade"**, cujo terceiro volume chega em abril, no Teatro Margarida Schivasappa, dia em que Chico Sena completaria 64 anos, ela mantém viva a memória do irmão, reafirmando a atemporalidade de uma obra que, embora marcada pela ausência física desde 1986, permanece vibrante em seu sangue.

Ao caminhar para os próximos passos de sua jornada, Alba deixa uma mensagem que serve de farol para qualquer artista que esteja começando:

**“Procurem ser o máximo possível vocês mesmos. Saberem exatamente o que vocês querem fazer. Ouvir muitos outros e ouvir a si, para entender, cantar, experimentar, não ter preconceitos, ouvir, ouvir de tudo, ouvir e ouvir-se muito. Ouvir sua alma, ouvir seu corpo, ouvir sua voz, ouvir, ouvir, tentar, não desistir.”**

E para quem pergunta qual é o legado que Alba Mariah quer deixar, a resposta vem com a firmeza de quem já viveu o suficiente para saber: ***“Uma pessoa extremamente corajosa, extremamente capaz, e que vai para cima e resolve, e bora.”***

Eu tenho a honra de assinar esta matéria, só tenho uma coisa a dizer: que venham mais temporais. Que venham mais Albas. Que a Dissonância continue encontrando essas vozes que a tempestade não derruba, porque são elas que fazem a chuva virar





## Alba Mariah em dissonância: entrevista exclusiva

Por Clara Mello

Égua, mano! Bora conhecer a Alba Mariah!

Essa pequena deu uma entrevista exclusiva à Revista Dissonância, disque! E ela não veio fazer cena nem pedir palminha. Aos 60 anos de vida e 44 de carreira, a cantora do Jurunas que nunca aceitou virar loira de saia curta pra caber no mercado resolveu falar sem filtro. Nesta conversa ela abre o jogo sobre a recusa feroz aos “fricotes” dos anos 80, a consciência crua de ser uma “cantora maldita” que nunca desistiu, a influência pai d'égua da Elis Regina na sua interpretação dramática, a decisão de abandonar o canto lírico na Itália porque sua voz já era “*matas e cachoeiras*” e o peso emocional de lançar Rastro de Saudade aos 60 anos como tributo ao irmão Chico Sena. Sem frescura, só a verdade nua e crua de quem escolheu ser Alba, custe o que custar. Ajeita teu o ouvido aí, porque aqui não tem granola no açá. Bora!

**Dissonância:** Dentre suas grandes referências, você cita nomes como Ângela Maria e Dalva de Oliveira, mas destaca Elis Regina como sua "mestra maior". De que maneira o legado de Elis reflete na sua busca pela interpretação visceral?

**Alba Mariah:** *Mestra maior, sim, Elis, minha mestra maior, de uma forma carinhosa, que quando eu a via, eu sentia, que se eu fosse cantora, eu precisava cantar com aquela intensidade, daquela forma, com aquela maneira de dizer, o mais profundo possível, mais visceral possível. Ela me passava tudo isso, ela me passava tanta verdade e tanta entrega que eu imaginava e queria ser uma cantora como ela. Então, isso reflete na busca da minha interpretação, porque eu já queria, já sem saber quem era Elis, eu queria ser alguém que dissesse com música o que sentia, nas letras, nas interpretações. Então, eu acho que a Elis, ela contribuiu um pouco mais do que as outras, todas contribuem, todas contribuíram, um pouco mais do que as outras para a identificação pela proximidade, pela identificação no estilo, pela maneira como ela falava de política, pela maneira como ela falava de amor, de perda, de paixão, de grande amor. Então, tudo isso reflete dentro, sim, da minha interpretação. Eu procuro de todas as formas, e sou a Maria, mas as minhas influências são muitas, eu não posso negar, e essa é a maior delas. Eu tenho um carinho muito grande, uma admiração muito grande, um respeito muito grande por Elis e uma gratidão maior ainda por ela ser a minha maior mestra. Outra coisa muito importante que a Elis me deu, que eu pratico até hoje, mesmo tendo tido outros tipos de referências também técnicas, foi a técnica. A técnica onde a emoção transcende a técnica, a técnica onde você é muito técnico, mas muito emocional, muito envolvido, muito envolvente. Então, essa técnica, ela tem uma coisa muito pessoal da Elis. E eu tenho uma técnica, eu não pude estudar música, não tinha condições na minha época de estudar música, e depois também aconteceram outras coisas que me desviaram, ainda bem, de um estudo acadêmico demais, engessado demais da música. E Elis, observando-a, escutando-a, eu também disse: é dessa forma que eu preciso respirar, é dessa forma que eu preciso impostar, deixar a voz fluir, quando for para dizer algo assim. Então, essas referências, elas são importantíssimas também de serem lembradas.*

**Dissonância:** O que você ouvia nas rádios, inclusive emissoras internacionais, que te influenciou na abertura para diferentes linguagens musicais?

**Alba Mariah:** *Alba Mariah: Eu ouvia nas rádios, emissoras internacionais e nacionais, a gente ouvia de tudo, era muito mais eclético o repertório. Não havia uma ditadura de gênero musical. Havia influências: quem fazia sucesso com o bolero, quem fazia sucesso com o samba. Então eu ouvia Clara Nunes, Elis Regina, Elisete Cardoso, Dalva de Oliveira, Fafá de Belém, mas ouvia outras cantoras e outros cantores, principalmente do Caribe. Ouvia muito bolero, bolero cubano, lambadas, e as vezes a gente captava também algumas rádios da Guiana, com uma música francesa. Então é muito difícil dizer exatamente: "Ah, eu só ouvia isso". A gente ouvia de tudo. Hoje em dia você liga um rádio, você ouve só batidão, ouve só o arrocha. Antigamente não, a gente ouvia tudo. A gente ouvia Maria Bethânia, Raul Seixas, Belchior, Sérgio Britto, ouvia Piaf, ouvia Chico Buarque, enfim, eu não vou nomear aqui, são centenas de artistas. E havia programas específicos de chorinho no sábado, um "Bom Dia da Saudade", que era um programa famoso na rádio aqui em Belém, que tocava músicas de chorinhos, sambas antigas. Referências como Noel Rosa, Aracy de Almeida, Dalva de Oliveira e Linda Batista, Márcia, Célia, cantoras incríveis, Cláudia. Então eu venho de uma geração onde não havia imposição: "Você só pode ouvir samba, você só pode ouvir bolero, você só pode ouvir o romântico do Márcio Greyck. Então eu ouvia tudo isso. Além de a gente ter muita referência em casa, nossa própria casa era cheia de referência, porque tinha uma irmã que adorava o Márcio Greyck, adorava o Roberto Carlos. Tenho uma irmã, aliás, né? É, a mais velha. E aí já vinha o meu irmão mais velho com Raul Seixas, Beatles, Belchior, Zé Ramalho, e o Edinardo, esses mais ligados a política, a existência humana, ao ser latino, porque as pessoas pensam que a latinidade está aflorando agora, mas não, Belchior já fazia a gente aflorar a latinidade, Milton Nascimento, aflorar essa latinidade já nos anos 60, 70. Então são muitas referências realmente, muito importantes na minha vida. E essas rádios, esses discos, essas músicas, elas fazem parte de mim até hoje, em cada coisa que eu canto. Às vezes, num respirar, numa vírgula respiratória.*

**Dissonância: Sua trajetória profissional começou aos 16 anos na Assembleia Paraense, cantando com o grupo do Vidinho e nomes como Guilherme Coutinho. Quais são as memórias mais marcantes desse período de "aprendizado na prática"?**

**Alba Mariah:** *Na verdade, eu cantei só uma vez com o maestro Guilherme Coutinho. Ele era inacessível para mim. Talvez pela minha aparência, era uma pessoa de que vinha de um bairro muito pobre, Jurunas. Então, ele era inacessível para mim. Quem realmente me deu a mão na música, além de me chamar para cantar profissionalmente, que foi o maestro Vidinho, na primeira banda que eu cantei, foi o Walter Bandeira, uma grande voz do Estado do Pará, um artista de referência. Também passava no nosso grupo de teatro para ensinar a imitação de voz, a utilização dos graves também. Ele me ajudou muito nisso, me dizia: "você tem um grave bonito, tem que utilizar esse grave". Muitas das cantoras cantam ali no limite do agudo, como uma demonstração de poder do agudo, "você tem um, um grave bonito, você tem que explorar esse grave". E outras pessoas me falaram a mesma coisa sobre o grave, meu pai, que também era músico, falava sobre o meu grave. E depois, ouvindo com recuo, ouvindo esses conselhos, eu comecei a dizer, realmente, eu tenho um grave interessante. E, quando eu ouvi a Clara, eu ouvi esse grave parecido com a minha voz, a Clara Nunes. Então, eu comecei ali; e meu aprendizado, essas memórias, elas são assim, você tem que aprender essa música e cantar essa música aqui. Era bem uma disciplina. Era um momento de sonho. Eu era muito jovem, eu queria cantar algumas coisas. As coisas que eles me pediam para cantar, eu gostava, porque era uma época também que a gente ouvia, numa banda de música, músicas muito bonitas. Então eu cantava as músicas em língua estrangeira. Eu cantava em espanhol já com 16 anos, cantava em italiano, com 16 anos, não cantava em francês porque eu realmente não conseguia reproduzir corretamente as pronúncias, mas em espanhol e italiano eu cantava já e me destacava muito. Então as minhas memórias são daquela cantora que era jovem, mas com referências antigas, referências muito bonitas, e eu conseguia dar aquilo que eu tinha aprendido e estava aprendendo. Mas aprendi muita coisa de bossa, muita coisa de jazz, ouvir com cuidado, ouvir com atenção. Tinha muita, eu tenho até hoje um gosto muito de observar, de ouvir, ouvir detalhes.*

*Quando alguém me pede para ouvir uma música, quando eu peço uma música para o repertório, eu ouço todas as versões que eu posso dessa música para saber cada referência de cada um, como cada um tem o sentimento por essa música. Então, eu aprendi com o Walter a, além da Elis, né? Então, aprendi com o Walter Bandeira essa colocação, essa interpretação, deboche também. São essas referências que eu tenho.*

**Dissonância: Em 1985, você fazia parte da banda Megassom (no antigo Hilton Hotel) e chegou a se "rebelar" contra as coreografias e os "fricotes" que ganhavam espaço na época. Como você conseguiu afirmar da sua identidade artística contra as tendências de mercado dos anos 80? Isso traz boas ou más lembranças?**

**Alba Mariah:** *Esse rebelar, ele foi importantíssimo para minha construção como intérprete, porque eu já interpretava, mas eu tinha que cantar dentro dos tons das cantoras. Se era uma canção da Gal, tinha que cantar no tom da Gal, se era uma canção da Clara, tinha que cantar no tom da Clara, e assim sucessivamente. Então, eu não tinha ainda, como é que se diz? Eu não escolhia meus tons, eu não escolhia as músicas que eu queria cantar. Foi também um aprendizado incrível, porque nós inauguramos um Hilton em Belém, e eu fui convidada por uma grande banda para cantar, para ser a cantora. Dentro dessa banda, eu já fazia coisas diferentes com o maestro Manuel Cordeiro, que fazia o cantar "Graças a la Vida", "Espinhas de Bacalhau", umas canções italianas, umas canções incríveis, uns boleros incríveis. Então isso me ajudou muito a ter forças para me rebelar, porque eu descobri o meu lado de intérprete, graças ao Walter. Já o Manuel Cordeiro, é um outro momento da vida. O Walter vai fazer parte para sempre. O Manuel me deu esse empurrão para que eu pensasse no que eu queria cantar, de fato. E como conseguir também viver, sobreviver e viver dessa música que não está na moda, que até hoje a música que eu canto não está na moda, ela é atemporal. Eu consigo fazer com que coisas antigas, ou coisas de agora, de compositores que resistem, sejam atemporais. Mas eu tô sempre fora da tendência do mercado. Eu tenho total consciência que sou uma cantora maldita. Eu tenho uma total consciência sobre a minha condição de intérprete, de cantora, de artista no Brasil, o que o Brasil consome, o que a mídia quer.*

*Eu tenho uma total consciência, mas nunca desisti. Eu tenho um público incrível, um público maravilhoso que me segue, e é isso também que me faz eu me afirmar, ser uma cantora longeva, porque poucas pessoas da minha época seguiram a carreira de cantora, conseguiram sobreviver como artistas, porque foram na tendência, foram desgastados pela tendência e não souberam se reinventar, se impor como personalidade, como intérprete, e eu fiz isso desde cedo, e eu tenho muito orgulho de ter feito isso. Eu tenho uma característica de que, se eu tiver consciência e certeza daquilo, eu vou lutar por aquilo. Então é uma luta que não parou até hoje. Eu gostaria muito que o Brasil conhecesse meu trabalho melhor, de forma mais ampla. Viajei por muitos países, fiz muitas experiências, sempre dentro desse nicho do cantor que não é um cantor conhecido no país inteiro. Mas são coisas que não me incomodam, adoraria, é um sonho, mas, ao mesmo tempo, sei que é uma missão continuar ali dentro daquilo que você acredita, interpretando de forma visceral e convincente o que você acredita. Então eu sigo, eu sigo esse rumo. Muito legal quando eu vejo também, depois de muitos anos, o que eu fiz, e o que eu disse que eu não ia fazer, são muitas histórias incríveis, né? Uma vez, eu lancei uma música muito famosa no Pará, e queriam que eu a gravasse. Depois, foi gravada por outro artista em 86. Eu fui a primeira a cantar lá no projeto Pixinguinha aqui em Belém, numa programação que se chamava "Janela para os Novos". A gente abria os shows do projeto Pixinguinha para os cantores de fora. Nesse dia era Zizi Possi, Vitor Ramil, Banda Sorte. E eu cantei pela primeira vez uma música chamada "Chamegoso". Depois quando eu fui chamada para cantar, para gravar essa música, eles queriam que eu fosse outra pessoa. Foi aí também que eu me rebele. A música era linda, tinha tudo para fazer um sucesso nacional, e foi na voz de outro cantor, e até hoje é um sucesso aqui na nossa terra. Mas assim, eu tinha que usar uma outra roupa, eu parecia mais com a Amelinha, e eu tinha que parecer com uma cantora loira, de cabelo cacheado, saia muito curta, e aí eu disse não. Na hora, eu poderia ter dito sim e feito alguma coisa e saído e depois me transformado, me reinventado, mas na hora disse não. E saí muito aborrecida dessa reunião, por dizer que era impossível aquilo, como é que era possível que alguém me disse para eu cantar uma música e eu tinha que ser outra pessoa pra cantar essa música. Não tinha como ser outra Alba, a não ser aquela Alba ali, me arrumar tudo bem, fazer alguma coisa no cabelo, tudo bem, mas assim, me transformar num outro personagem para vestir uma música, não. Eu queria me vestir de Alba, ser Alba, cantar as músicas que eu quisesse, e eu fiz isso e faço até hoje.*

**Dissonância: Na Itália, o maestro Franco Vallisneri a aconselhou a não estudar canto erudito porque considerava sua voz "pronta" e conectada às matas e cachoeiras do Brasil. Olhando a partir de hoje, a avaliação dele estava correta? Você acrescenta elementos de música erudita na sua obra?**

**Alba Mariah:** *Vallisneri, ele era um cara incrível. Digo era porque infelizmente já se foi. E, ele sentia umas modificações na minha maneira de cantar, quando eu passei alguns meses fazendo aulas de canto. E na Itália não tem canto popular, onde eu fui, na escola que eu fui fazer não tinha canto popular só tinha canto lírico. E ele perguntou para mim: "Tá acontecendo alguma coisa com você? Você tá cantando um pouquinho diferente, não muito, mas tem alguma coisa diferente na tua voz. Você parece muito preocupada com algumas coisas". Aí eu disse toda feliz para ele que eu estava fazendo um curso de canto com o maestro Carlo Peruri. E ele disse: "Não acredito". Então ele falou: "Mas por que você está fazendo canto erudito, se você é uma cantora popular, que tem uma voz pronta, uma voz com experiências próprias, uma voz conectada com a natureza, com o seu Brasil, com os compositores maravilhosos. Você canta, a gente tá cantando aqui na Itália, e você consegue passar essa brasilidade pra gente de uma forma tão profunda". "Eu, se eu fosse você, e tivesse todas essas referências brasileiras, e essa bagagem que você tem, que você trouxe com você da sua família, da sua cultura, eu não perderia meu tempo fazendo canto lírico. Você é uma cantora popular"; assim como lá na frente o Walter me falou, você é uma cantora dramática. E eu ouvi com muita atenção, Walter. E nesse dia ouvi com muita atenção o Franco, e aí, essa avaliação é correta sim, porque eu nunca estudei, acabo cantando bem pra mim, que eu acho que canto bem, tecnicamente bem. Desenvolvi uma técnica pessoal, também baseada nas coisas que eu via de outras cantoras, fui pegando um, um pouco de cada uma, principalmente da Elis. E tenho admiração pela erudita, porque acho lindo vozes, mezzo soprano. Acho lindo que é a minha voz, né, mezzo. E ele me disse logo na hora que eu comecei a estudar, ele disse: "Você é uma mezzo, eu tenho que explorar esses graves". A mesma coisa, é muito raro vozes assim. E me disse um monte de coisa bonita, e eu acreditei, e eu queria de alguma forma ter esse desafio. Mas eu não desisti só pelo Franco Vallisneri.*

*O que ele me falou me ajudou a ter forças para não continuar. Porque na verdade, eu me sentia engessada, me sentia completamente fora, com falta de ar, com, muito presa à técnica, muito presa ao solfejo; e eu realmente tinha aprendido a cantar com a minha mãe cantando as músicas do Gonzagão, ouvindo rádio, e ouvindo Elis, e ouvindo mulheres incríveis e soltas e protestando, falando de política. Então eu não podia, eu me sentia um pouco em italiana disórdio ali dentro, né? E foi isso. E o Franco Vallisneri é uma grande referência, porque ele tocava rindo. A gente tocava, ele tocava as músicas brasileiras com um sorriso o tempo todo no rosto. E quando ele me disse aquilo, eu acreditei, porque ele era um expert e um apaixonado pelo Brasil, e tinha uma admiração muito grande pelos nossos compositores, pelo Ivan Lins, pelo Ari Barroso, pelo Vinícius, pelo Chico Buarque, enfim, por todos os grandes compositores brasileiros. E isso me deu forças para dizer: "realmente o maestro tem razão". E eu falei pra ele, quando eu desisti, eu falei assim, maestro, depois daquela nossa conversa, foi a minha última aula de canto. Eu fui, e despedi, pedi desculpas ao meu professor, que eu não tinha condição de continuar porque nós tínhamos conversado. E ele me falou, eu achei que você ia ser uma cantora que ia demorar muito tempo pra ser uma cantora lírica. Ele não tinha dito nada a você porque eu esperava ver um pouquinho mais de evolução pra você, pra ver se vingava, mas realmente você canta popular de uma maneira bonita, e entrega total. Siga, muito boa sorte, sucesso.*

**Dissonância: O álbum "Rastro de Saudade" é uma homenagem à obra de seu irmão, o compositor Chico Sena. Qual a importância emocional de revisitar esse repertório agora, aos 60 anos? Muitas lágrimas estarão no palco?**

**Alba Mariah:** *O álbum Rastro de Saudade, ele começou durante a pandemia. Ainda não tinha 60 anos, mas eu fiquei me questionando sobre o fato. Chico já se foi, eu tenho só um álbum, "Simplesmente Vital" com a obra do Vital, 15 músicas gravadas ao vivo, DVD. E eu me perguntei naquele momento. Também recebi uma emenda parlamentar do então deputado Federal Edimilson Rodrigues, para fazer algo, porque a gente tava em plena pandemia, e aí eu pensei, o que é que eu posso gravar? O que é que eu vou fazer? E eu pensei no Rastro de Saudade, que é o nome de uma música dele, do Chico, até porque eu achava que podia, a qualquer momento, morrer de Covid, apesar de não ter contraído, de ter feito todos os exames, todas as coisas, eu fui, eu acho que uma das poucas pessoas na minha casa, na minha família que não contraiu a Covid.*

*E eu comecei a me questionar sobre essa doença, essas pessoas morrendo, muitas pessoas morrendo, e eu, o Chico também já estava morto há muitos anos. Eu pensei, vou fazer uma coisa, revisitar o repertório do Chico. Me emociono muito de pensar nisso, é uma visita emocional, sim. Não digo que é uma revisita, mas é uma visita constante porque ele é onipresente em todas as coisas que eu faço. Quase todos os meus repertórios, 98% tem Chico Sena. E lágrimas de felicidade, emoção, por poder cantar ainda aos 60 anos, de ter realizado esse trabalho depois de muitos anos parada, porque a pandemia, aconteceram coisas muito graves. Infelizmente, alguns profissionais não mantiveram a sua palavra, apesar de pagos. E eu tive que fazer um milagre para gravar, e com uma equipe maravilhosa que trabalha comigo, um apoio maravilhoso de outros profissionais. Então, por isso que tá saindo agora aos 60 anos. E quando eu pensei em lançar, ano passado, o Rastro de Saudade, de tomar de novo à frente, vamos lá, vamos fazer, vamos mixar. Na verdade, o início era um audiovisual. E justamente, a parte do visual é que falhou comigo e não me entregou o material que nós fizemos. Então, eu peguei os áudios, chamei a minha equipe, chamei meu arranjador, que é o Thiago Amaral, a minha produtora executiva na época, Carla Cabral, vamos fazer, vamos falar como é que a gente vai fazer esse lançamento. Aí eu pensei, como 2026 é um ano muito importante, astrologicamente, pra mim, ano do Cavalo de Fogo, eu nasci em 66, então ano dos meus 60 anos, a volta do cavalo de fogo, depois de 60 anos. São 40 anos da morte do Chico; e Belém também, é seis, Chico morreu em 86, Belém 1616, e eu nasci em 66. Estamos em 2026. Então eu peguei todas essas referências numerológicas, essa saudade, essa vontade, essa garra de fazer, de trabalhar, e juntei. Aí, primeiro lançamento, a primeira parte é dividida em três partes, eu fiz em 12 de janeiro de 2026, foi o aniversário de Belém. O segundo, no dia 18 de fevereiro, dia do meu aniversário, em 60 anos. E o terceiro vai ser no Teatro Margarida Schivasappa, em Belém, no dia 7 de abril, que seria o aniversário de vida do Chico, onde ele completaria 64 anos. Então foi tudo pensado dessa forma para trazer de novo vigor a esse trabalho e para que ele não ficasse ali numa estante esperando que esse profissional que falhou com a gente, fosse responsável e nos trouxesse esse material, essas imagens, enfim. É isso. E o Rastro de Saudade, ele revigora o Chico, ele reafirma que o Chico Sena, apesar de 40 anos da morte dele, ele continua vivo na memória das pessoas, na minha, no meu sangue, e tá aqui pra mostrar isso com uma obra totalmente atemporal, totalmente linda e cheia de significados, não só pra mim emocionalmente, mas pra muita gente, que até hoje lembra dele.*

**Dissonância: O título do seu espetáculo mais recente é "Temporal", que você associa à força de Iansã e aos movimentos de renovação. O que esse "temporal" representa para este momento específico da sua vida e carreira?**

**Alba Mariah:** *Bom, o título Alba Mariah Temporal, sim, é também associado à força do meu orixá, que em Iansã, minha cabeça pertence, meu ori pertence à Iansã, a deusa do movimento, das tempestades, dos raios, dos trovões, mas também da bonança, aquela que traz a luz depois da tempestade. Ela é importantíssima, é a deusa do empoderamento feminino, é a deusa de atitude e a guerreira. Então, tudo isso eu tenho dentro da minha vida, de maneira muito consciente. Sou assentada no santo, no tambor de mina. E esse Temporal, ele me trouxe até aqui, aos 60 anos. Ele me trouxe muita bonança, muitas descobertas, claro. Houve momentos que os raios me deram luz para que eu visse coisas que estavam boas ou ruins. Mas eu sou uma pessoa muito grata pela vida, muito grata por essa força ancestral que me habita, que me leva pra frente. E esse temporal representa tudo, e não representa um momento específico, porque todas as minhas decisões, elas foram tempestivas, como Iansã é. Eu decidi, é oito ou oitenta, eu não me arrependo dessas decisões, e assim foi pra quando eu disse não. As pessoas queriam que eu contasse, quando eu disse, eu quero sair daqui, quero fazer alguma coisa, e fui de férias, e acabei ficando. Depois quando eu voltei pro Brasil, são momentos, são tempos que pareciam temporais, mas na verdade, eram momentos de final de ciclo, que precisava cair aquela chuva, aquela tempestade pra que eu visse de novo a claridade e me reposicionasse com mais força na vida e na carreira.*

**Dissonância: O título do seu espetáculo mais recente é "Temporal", que você associa à força de Iansã e aos movimentos de renovação. O que esse "temporal" representa para este momento específico da sua vida e carreira?**

**Alba Mariah:** *Essa frase eu ouvi do Walter Bandeira, que a excelência vem da repetição. Ele me dizia assim: "toda vez que você quer cantar uma música, ela vai ficar mais bela". Talvez você não goste daquele momento que você cantou, aquela respiração ali ou aqui, mas ela vai ficar só bela quando você repetir muito, quando você se ouvir dentro muito, quando você se criticar, quando você se auto-criticar. E após essas quatro décadas e alguns anos, 44 anos precisamente, eu preciso manter o frescor.*

*Aí também volta em Iansã, que tem essa força louca, essa força muito incrível, entusiasmante pra resistir, pra começar tudo de novo. Eu acho que a vida é isso, é se reinventar. Como artista independente, há muitas dificuldades que permanecem, outras já transpôs, mas, eu sou uma artista independente, consciente dessa independência, consciente que devo produzir sim meus trabalhos, devo investir no meu trabalho. Hoje em dia aquilo que eu ganho, eu invisto em alguma coisa, invisto em espetáculos. Então, essa consciência de ser uma artista independente, ela faz parte de mim, ela é normal, ela é natural, ela é, enfim, onipresente. Eu tenho uma frase da compositora Carla Cabral, que é: "hoje sou mestre em me reinventar", uma música chamada "Açude Solidão", que eu gravei. Essa música é incrível. Ela fala muito disso, do desespero e também da volta, da volta por cima, do que a gente é capaz de fazer, do que a gente é capaz de criar pra sobreviver, pra deixar sua marca. Eu acho que, talvez eu, se eu tiver saúde e tiver forças, eu quero cantar sempre. Quero estar sempre ligada também às novas composições. Eu reverencio muito grandes compositores, mas também canto música de compositores que não são tão conhecidos. Tenho um respeito muito grande pelos artistas independentes da minha cidade, do meu Brasil e de outros lugares que eu tenho contato. E, e é isso, a arte independente, a gente goza mais ainda dela porque a gente consegue fazer exatamente aquilo que a gente quer. Às vezes não ganha aquilo que a gente deseja ou precisa, mas a gente faz o que a gente quer. E essa independência, essa rebeldia, essa subversão, ela faz a gente revigorar, se reinventar, sobreviver de forma muito digna.*

**Dissonância: Olhando para trás, desde o Jurunas até os palcos internacionais, qual mensagem você pode deixar para outros artistas que ainda estão iniciando sua jornada?**

**Alba Mariah:** *Bom, quando eu olho para trás, eu sempre pego alguma coisa lá de trás também assim, para trazer de volta. Coisas boas que eu aprendi, essa conexão com o passado de uma forma consciente. Nasci num bairro muito pobre, mas não tive pobreza de espírito, nem tive negligência dos meus pais, da minha família, então, nós éramos ricos em cultura, nós éramos, somos ricos em cultura, em, em bom gosto, em experiências. Os palcos internacionais me deram mais bagagem sim. As minhas experiências internacionais me trouxeram um Brasil ainda mais consciente. Quando você está fora, você vê o Brasil mais profundamente ainda. Quando a gente está aqui, a gente vê, às vezes, não vê algumas coisas. De fora, a gente vê bem melhor.*

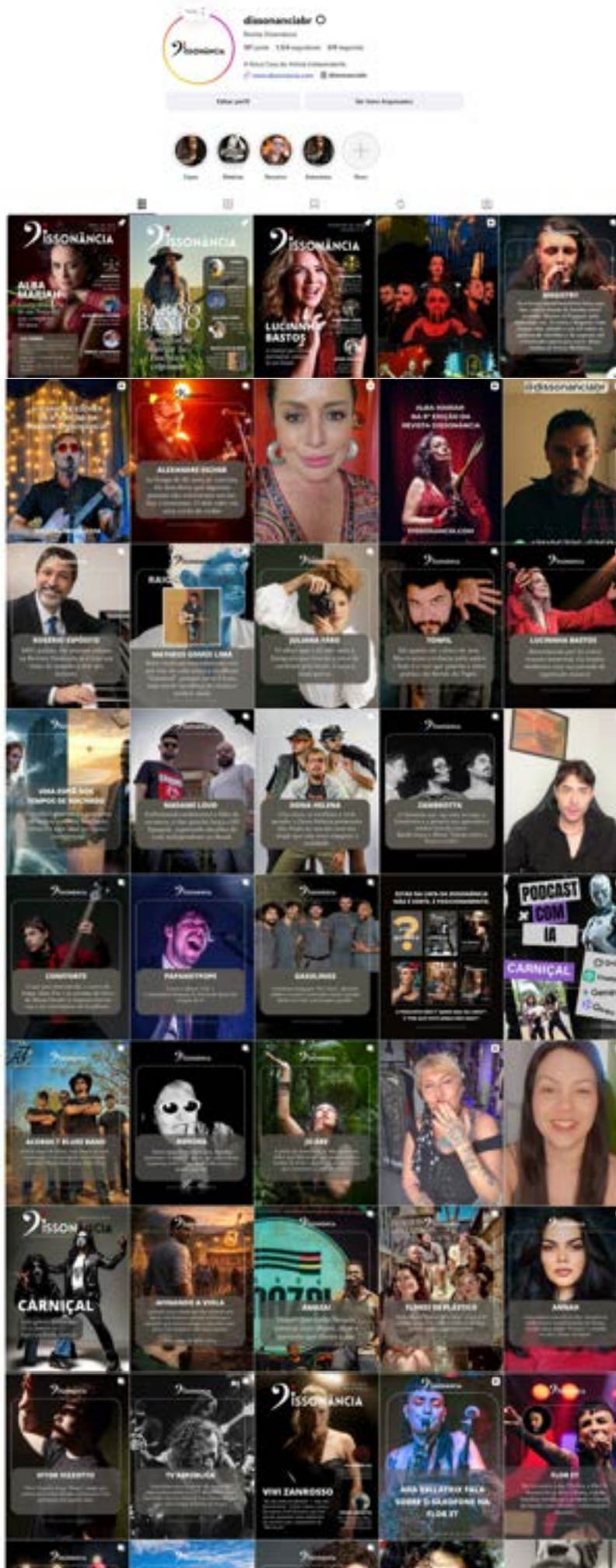
*E eu tenho muita sorte de ter sobrevivido até hoje, 44 anos depois do dia que eu comecei, fazendo o que eu quero, fazendo o que eu amo. Os tempos eram muito mais difíceis, hoje em dia, você tendo uma boa internet, um bom músico para te acompanhar, você compõe, você, você passeia por muitos universos, por muitas camadas. Isso é muito legal. A gente não tinha isso nos anos 80. Em fitinhas de gravador manuais, enfim. Eu acho, o que é que eu posso dizer para as artistas contemporâneas e que vão iniciar agora, é que procurem ser o máximo possível vocês mesmos. Saberem exatamente o que vocês querem fazer. Ouvir muitos outros e ouvir a si, para entender, cantar, experimentar, não ter preconceitos, ouvir, ouvir de tudo, ouvir e ouvir-se muito. Ouvir sua alma, ouvir seu corpo, ouvir sua voz, ouvir, ouvir, tentar, não desistir. Como eu disse, as coisas estão bem mais fáceis do que no meu tempo, não estão tão fáceis para quem começou antes, mas está muito mais fácil para quem está começando agora, é muito mais rápido. E eu espero deixar para a minha voz, para a minha obra, com as minhas interpretações, algo de bom para essas pessoas que estão começando, ou que me têm como referência. Eu conheço algumas pessoas que dizem que eu sou referência, eu fico muito feliz. Muito feliz mesmo, quando alguém me fala isso, tenho como referência a música tal. Você me inspirou com a sua música tal em tal coisa. Então, eu espero inspirar, espero, espero também receber inspiração delas. Os jovens dão muita inspiração. E prosseguir, me reinventando, cantando, sendo a Alba Mariah. Essa Alba Mariah que não tem medo da vida, que não desiste das coisas, que vai a fundo, que mergulha a fundo, que voa muito alto, que sonha muito alto. É esse o legado que eu quero deixar, uma pessoa extremamente corajosa, extremamente capaz, e que vai para cima e resolve, e bora, é isso.*

**OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA**



**[CLIQUE AQUI](#)**

**ACESSE O INSTAGRAM @DISSONANCIABR E FIQUE POR DENTRO DE TODAS AS NOVIDADES DA ARTE INDEPENDENTE NO BRASIL**



## ALBA MARIAH

Nascida em Belém do Pará, no bairro do Jurunas, Alba Mariah construiu uma trajetória rara na música brasileira: a de uma artista que jamais aceitou vestir outra pele que não a sua. Dona de uma voz mezzo-soprano de graves marcantes, dramáticos e profundamente expressivos, a cantora transformou em assinatura aquilo que, ainda no início da carreira, tentaram fazer com que ela escondesse.

Foi nos anos 1980, quando começou a cantar profissionalmente aos 16 anos que Alba compreendeu que sua força estava justamente em sua singularidade. Enquanto o mercado exigia coreografias, personagens e uma estética padronizada, ela escolheu outro caminho. Recusou-se a ser moldada. Preferiu, como costuma dizer, "ser Alba".

A mezzo-soprano paraense carrega influências que vão de Elis Regina, sua "mestra maior", a Clara Nunes, Dalva de Oliveira, Elizeth Cardoso e Ângela Maria. A influência dessas intérpretes aparece não apenas na técnica, mas na maneira como Alba entende o ato de cantar: com emoção, intensidade e verdade.

Ao longo da carreira, viveu e trabalhou na França e na Itália, experiência que ampliou seu repertório e a fez incorporar à sua obra canções brasileiras, italianas, francesas e argentinas. Na Itália, chegou a iniciar estudos de canto erudito, mas ouviu do maestro Franco Vallisneri que sua voz já estava pronta, ligada às "matas e cachoeiras do Brasil". Abandonou o canto lírico e seguiu aprofundando sua própria linguagem.

Sua discografia é marcada por projetos de forte carga afetiva. Em 2017, lançou o CD e DVD ao vivo "Simplesmente Vital", homenagem ao compositor paraense Vital Lima.

Em 2026, Alba celebrou 60 anos de vida e 44 de carreira com seu trabalho mais pessoal: "Rastro de Saudade", álbum em homenagem ao irmão, o compositor Chico Sena, compositor falecido em 1986. Dividido em três volumes, o projeto reúne canções como "Flor do Grampá", "Cuíra", "Portão do Mar", "Leonor", "Rastro de Saudade" e "Lobo Mau", foi o jeitinho especial da Alba de transformar saudade em permanência.

No mesmo ano, levou ao palco do Theatro da Paz o espetáculo "Temporal", síntese de uma trajetória atravessada por resistência, ancestralidade e liberdade. Em cada disco e em cada palco, Alba Mariah reafirma a decisão que guiou sua vida inteira: não parecer com ninguém, apenas consigo mesma.



**Rastro de Saudade,  
Vol. 2  
18/02/2026**



**Rastro de Saudade,  
Vol. 1  
11/01/2026**



**No Aveso do Encante  
21/09/2025**

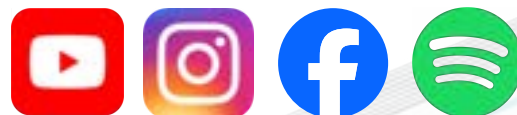


**Açude Solidão  
08/04/2021**



**Simplesmente Vital  
30/05/2017**

### REDES SOCIAIS



# O Livro da Existência Inevitável

Por Val Porto

Estradas que não caminhei,  
Caminhos que desconheço,  
Histórias não contadas,  
Sonhos que vou viver.

Um livro que ainda não li  
me aguarda na estante  
para ensinar o roteiro  
que me faz seguir adiante.

Para não perder minha história  
E saber onde devo chegar,  
basta abrir uma página:  
O roteiro está lá.

Hoje tudo está confuso,  
Mas acertarei no final.  
O que ainda não entendo  
Está escrito no manual.

Algumas páginas são meio confusas,  
Que virei sem compreender;  
Alguns passos dolorosos  
Eu não queria viver.

Mas aprendi, numa página,  
O sentido de viver.  
Quem escreveu minha história  
Confia no meu poder.


Vou seguir a caminhada  
Mesmo quando não vejo saída,  
Sei onde quero chegar.

Meu caminho foi escrito  
Pelas mãos do Salvador.  
Ele pode ser difícil,  
Mas me leva ao Senhor.

## SOBRE A VAL PORTO



*Val Porto é escritora gaúcha e guardiã das raízes da arte independente. Na Revista Dissonância, Val publica suas criações poéticas, compartilha textos de outros autores e revela sua percepção sobre músicas que lhe serviram de inspiração, tecendo entre som e palavra uma narrativa intimista e sensível.*

A man with short dark hair and a beard, wearing a grey t-shirt and dark pants, is sitting on a stool in an art studio. He is looking thoughtfully at a large, blank white canvas that is stretched on a wooden frame. He is holding an orange cup and a pair of glasses. The studio has wooden walls and a large window on the right. In the background, there are several white panels with circular cutouts. A tripod with a camera is visible on the right side of the frame.

# Sérgio Lourenço: O Homem que Pinta Atmosferas

Por Marcos Paulo

*No assoalho manchado de tinta de um ateliê curitibano, uma tela ainda crua aguarda o primeiro gesto do artista. É ali que, entre espátulas, pincéis e ferramentas, o plástico Sérgio Lourenço transforma matéria em mundo, um ritual que remonta aos seis anos de idade, quando observava o tio-avô pintar no porão da casa de seu avô, naquele que ele chama de “**território de encantamento**”.*



Formado em Artes em 1993, o artista percorreu um caminho atípico: manteve a criação adormecida por mais de duas décadas, dedicado à vida comercial, até que em 2016 a chama se reacendeu de vez. Hoje, com obras que fluem como tinta sobre a tela, entre a abstração inquieta e a arte interativa, Lourenço se consolida como uma voz singular no cenário artístico de Curitiba.

### O território do encantamento

A relação de Sérgio Lourenço com a arte nasceu antes mesmo de ele compreender o que significava criar. Aos seis anos, descia ao porão da casa do avô e assistia, hipnotizado, ao tio-avô Raimundo Jaskulski dar forma a mundos sobre a tela.



SÉRGIO LOURENÇO NO COLO DA MÃE

O cheiro da tinta, o silêncio do ambiente, a transformação gradual da matéria, tudo isso compunha uma atmosfera que ele carrega até hoje como memória viva de seu processo criativo. Em entrevista exclusiva à Revista Dissonância, o artista recordou:



TIO-AVÔ RAIMUNDO JASKULSKI

**“Ver meu tio-avô pintar, assistir à transformação da matéria em mundo, ah, isso era incrível. O cheiro da tinta, o silêncio, aquele ambiente criava um território de encantamento que permanece na minha mente até hoje. Foi ali que nasceu a percepção de que eu também podia criar.”**

Essa infância marcada pela liberdade imaginativa se tornou o fio condutor de uma trajetória que, embora interrompida, jamais foi abandonada. A formatura em Artes, em 1993, poderia ter sido o início de uma carreira convencional. Mas a vida conduziu Lourenço por outros caminhos. Durante mais de vinte anos, ele atuou em outras áreas, que não a arte, acumulando responsabilidades que o afastaram progressivamente do fazer artístico.

A arte, porém, não desapareceu, apenas ficou em silêncio, como uma brasa sob a cinza, aguardando o momento certo para voltar a queimar.

### A brasa sob a cinza e o despertar de 2016

O retorno à arte foi uma espécie de reconhecimento interior. Em 2016, ao retomar o contato com o fazer artístico, Lourenço percebeu que tudo aquilo que estivera guardado podia finalmente ganhar forma.

**“O retornar, o contato com o fazer artístico, algo se reacendeu de uma forma muito clara para mim”,** contou à Dissonância.

**“Passei a enxergar a arte como um campo de possibilidades, onde tudo que estava guardado podia ganhar forma. Foi esse o despertar, simples e direto, que me motivou a voltar, atravessar de vez o limite entre a intenção e a criação.”**



Um marco decisivo nesse processo foi o encontro com o artista plástico Geraldo Leão. Para Lourenço, aquele momento funcionou como uma abertura interna, uma espécie de explosão de ideias que dissolveu a hesitação e deu lugar à ação. *“Ao ouvir o Geraldo Leão falar sobre o processo, veio uma clareza e eu sabia que era capaz”*, recordou.

**“Na prática, o momento em que a hesitação desaparece e o gesto assume. O pensamento deixa de travar e passa a impulsionar, o sentimento ganha força e pede forma. Tudo que está dentro se transforma em cor, movimento, matéria. E aí a pintura simplesmente acontece.”**

A partir de então, o ateliê se tornou um espaço de imersão total. Em um de seus posts mais poéticos nas redes sociais, Lourenço narrou, sob a perspectiva da própria obra, a trajetória de criação:

**“Ainda sobre o chão de um assoalho com marcas de tintas e riscos, me vejo pisoteada por um menino cuja ideia é apenas saciar sua curiosidade. Logo sou cuidadosamente esticada e grampeada sobre uma estrutura na qual me vejo em tela, ainda crua, porém muito admirada pelo meu criador.”**

A narrativa revela a relação íntima do artista com seus materiais e sua disposição para acolher até mesmo o imprevisto — como as pegadas de seu neto sobre uma tela em branco — como parte integrante do processo criativo.

### **A poética das obras: entre a paz e o extremo**

O repertório de Sérgio Lourenço é vasto e caminha por territórios emocionais diversos. Suas telas não buscam retratar a realidade, mas sim construir atmosferas que provoquem no espectador uma experiência sensorial profunda. Cada obra nasce de um estado emocional que conduz o artista a um imaginário inicial, não como algo fechado, mas como uma direção. *“Durante o processo, ela pode mudar cores, ritmos, formas, tudo vai se ajustando até que movimento e harmonia se estabelecem”*, explicou. *“O ponto de finalização chega quando sinto um esgotamento criativo, ao mesmo tempo, a percepção de que atingi a essência do que eu buscava, algo entre 80%, 90% da ideia.”*

Essa abertura para o imprevisto resulta em obras de intensidades surpreendentes. **TROPICAL** (2023), pintura acrílica sobre tela em formato 1x1m, é descrita como uma composição que evoca paz, seus tons azuis e laranjas transportam o espectador para um lugar paradisíaco.



TROPICAL (2023)

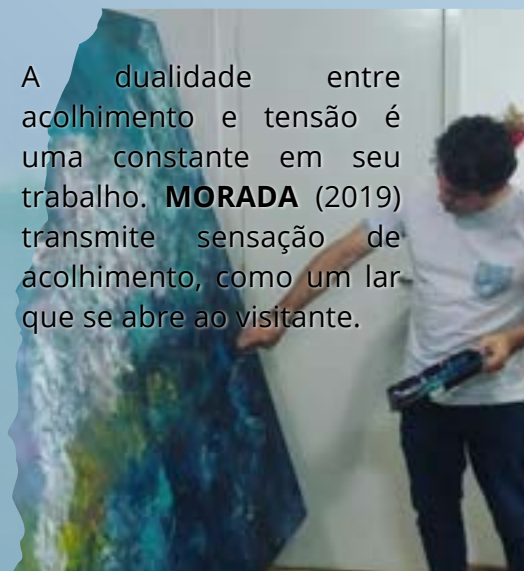
Já **MANIFESTO**, também de 2023, opera no registro oposto: suas cores intensas provocam no observador uma força interna que parece emergir da própria tela. É o poder das cores e da imagem operando como catalisadores emocionais.



MANIFESTO (2023)



MORADA (2019)



A dualidade entre acolhimento e tensão é uma constante em seu trabalho. **MORADA** (2019) transmite sensação de acolhimento, como um lar que se abre ao visitante.

**ARTE SACRA** (2023), obra de 120x90cm, é descrita como uma pintura de fé que transmite uma paz acolhedora, "como se a mão divina se recostasse sobre nossos ombros".



ARTE SACRA (2023)

Outras obras exploram nuances mais sutis. **AZUL DE BRENDA** (2020) desperta sentimento de encanto.



AZUL DE BRENDA (2020)



VIDA NOVA (2022)



EXTREMO (2024)

Enquanto **VIDA NOVA** (2022) provoca uma sensação de reboço, como se a própria tela pulsasse com energia vital.

Por outro lado, **EXTREMO** (2024) provoca desconforto deliberado, o quadro "foge" e ao mesmo tempo "aperta", gerando quase uma sensação claustrofóbica em quem o observa. Essa capacidade de transitar por registros tão distintos revela um artista que não se prende a fórmulas, mas se entrega ao estado emocional de cada criação.





ORIGEM (2022)

**ORIGEM** (2022), obra em técnica mista de 1,50x1,50m, apresenta uma espécie de tentáculos que partem de um centro branco, ou seriam rios azuis correndo em direção ao mar? A ambiguidade é proposital e remete à ideia de que todo movimento começa em algum lugar.



MAR E AREIA (2025)

**MAR E AREIA** (2025) levou essa experimentação técnica ainda mais longe: a textura em 3D da tela simula a areia da praia, convidando o espectador não apenas a olhar, mas a sentir a obra com os sentidos.

## Sérgio e a Arte interativa: quando o espectador co-cria

Um dos diferenciais mais marcantes do trabalho de Sérgio Lourenço é a chamada **"arte interativa"**, modalidade em que o cliente participa ativamente da concepção da obra. Não se trata de uma encomenda convencional: o artista acessa o campo íntimo do cliente, memórias, afetos, músicas, sensações, e traduz esse universo subjetivo em sua própria linguagem abstrata. O desafio é considerável: transformar elementos tão pessoais em pintura exige empatia, intuição e uma disposição genuína para escutar.

**"A arte interativa começa no escutar, acesso um campo íntimo do cliente, memórias, afetos, sensações, e o desafio sempre é transformar tudo isso em linguagem abstrata"**

Entretanto, como ele explicou à Dissonância, **"não é uma tradução literal. O universo do cliente se funde com o meu e é desse encontro que nasce a obra. Uma identidade, eu diria, compartilhada."**



CAPA DO DISCO "O BRILHO DE CECÍLIA" DE TIÃO FOLK



CECÍLIA AMARELA (2024)

Os resultados dessa abordagem são eloquentes. Uma de suas obras, **CECÍLIA AMARELA** (2024), foi escolhida para estampar a capa de um disco do cantor Tião Folk, o compositor folk prata da casa da Revista Dissonância, evidência de que a linguagem de Lourenço ultrapassa os limites da galeria e dialoga com outras manifestações culturais.

Quando questionado sobre como encontra a essência de cada trabalho em contextos tão diferentes, o artista é enfático: não segue um ritual fixo, mas cultiva um estado de imersão.

**"Sou guiado pela empatia e pelo meu lado emocional. É como criar um campo ao redor daquilo que eu quero construir. Muitas vezes eu, enquanto a pessoa fala, a obra já começa a se transformar internamente."**

## Atmosferas, não respostas

Na exposição **Pluralidades Abstratas**, realizada em 2022, Lourenço apresentou obras que sintetizam sua poética.



BLACK AND WHITE (2022)

Entre elas, **BLACK AND WHITE** (2022), peça cujo nome descreve suas cores, mas não sua essência. O resultado mostra a busca de silhuetas imaginárias em avanço para algo que não sabemos explicar.





FRENTE E VERSO (2022)

Outra obra da mesma época, **FRENTE E VERSO** (2022), combinação vibrante de azul, amarelo e laranja em diversas tonalidades, traz em seu centro uma imagem que lembra uma cidade ao avesso, convite à multiplicidade de leituras que define o trabalho do artista.

Para Lourenço, a obra não entrega respostas ao espectador, entrega atmosferas. Ao ser confrontado com o silêncio das formas abstratas, cada pessoa encontra na tela algo que lhe é próprio e único. “Eu sempre espero que o espectador se permita acessar o próprio estado de espírito diante da obra”, afirmou.

**“Não cabe a mim definir o que deve ser sentido. Eu pinto a partir do meu estado emocional e espiritual. E ofereço apenas a atmosfera. O que me interessa é que cada pessoa encontre ali algo seu, único. De acordo com o que carrega naquele momento”**

## O artista independente: do isolamento à explosão

Quando a Dissonância perguntou como seria um quadro que representasse o artista independente, Sérgio Lourenço respondeu com uma imagem que é, ao mesmo tempo, autorretrato e manifesto:

**“Um ponto isolado em meio a uma escuridão, quase silencioso, de onde começa a emergir uma luz. Essa luz ganharia nuances, se expandiria, até se transformar em uma explosão de cores. Talvez a presença de um pequeno ser caminhando, atravessando esse espaço, enquanto sua mente se abre para um universo vibrante”**

A descrição condensa, em poucas linhas, a trajetória de um artista que partiu do isolamento do porão da casa do avô, atravessou décadas de silêncio e emerge hoje como uma voz relevante no cenário curitibano. Para Lourenço, o artista independente é alguém que parte do desconhecido e transforma esse percurso em expressão. “Porque a arte, no fim, é só uma explosão de sentimentos”, concluiu. E suas telas, desde o acolhimento de Morada à tensão de Extremo, do encanto de Azul de Brenda à força de Manifesto, são a demonstração tácita de sua convicção. Cada pincelada é um convite ao espectador para que também se permita explodir.

CONHEÇA O


# RAIO-X DO ÁLBUM UM PRODUTO DA DISSONÂNCIA EXCLUSIVO PARA ARTISTAS INDEPENDENTES QUE PRECISAM IR ALÉM

**DISSONÂNCIA**  
o maior ecossistema de divulgação de artistas independentes do Brasil

**RAIO-X DO ÁLBUM**  
Cada faixa explicada. A obra compreendida

- Nem todo álbum merece uma análise faixa a faixa. O seu, sim.
- Cada música explicada no detalhe, com contexto histórico, intenção artística e leitura curatorial.
- Um conteúdo que transforma lançamento em obra compreendida.

O mesmo padrão de excelência da Dissonância.  
ENTRE EM CONTATO PELO WHATSAPP  
**(021) 96736-6260**



## Sérgio Lourenço em dissonância: entrevista exclusiva

Por Marcos Paulo

*Quando Sérgio Lourenço decidiu, em 2016, reacender a brasa que ardia em silêncio desde sua formação em Artes, em 1993, não foi apenas um retorno à pintura: foi o reencontro com uma visão de mundo que ele havia adormecido sob o peso das responsabilidades da vida cotidiana. O que antes era hesitação transformou-se em gesto livre, e o artista redescobriu que a criação não é mero ofício, mas um campo aberto de possibilidades onde o emocional dita a forma. Nesta entrevista exclusiva à Revista Dissonância, Lourenço fala pela primeira vez sobre sua arte interativa, o processo em que o cliente entrega memórias, músicas e cores afetivas e ele as transmuta, por intuição e empatia, em atmosferas abstratas que pertencem a ambos. E vai além: revela como é ser um artista independente nas artes plásticas hoje, alguém que parte do isolamento, do desconhecido e da incerteza para transformar tudo isso em explosão de sentimentos.*

**Dissonância:** Sérgio, sua relação com a arte começou no porão da casa de seu avô, observando seu tio-avô Raimundo Jaskulski pintar. Como o cheiro da tinta e aquele "território de encantamento" da infância ainda reverberam no seu processo criativo hoje?

**Sérgio Lourenço:** *Eu tinha seis anos, uma fase que tudo é possível, a imaginar não tem limites. Ver meu tio-avô pintar, assistir a transformação da matéria em mundo, ah, isso era incrível. O cheiro da tinta, o silêncio, aquele ambiente criava um território de encantamento que permanece na minha mente até hoje. Foi ali que nasceu a percepção de que eu também podia criar. Ainda carrego esse impulso intuitivo, uma memória viva que segue guiando o meu processo artístico.*

**Dissonância:** Você se formou em Artes em 1993, mas manteve a arte em "estado de latência" por muitos anos devido às responsabilidades da vida. Como foi conviver com essa "brasa sob a cinza" e o que mudou internamente quando a chama finalmente se reacendeu em 2016? O que te motivou?

**Sérgio Lourenço:** *Durante muitos anos, a vida me levou por caminhos de stand-arte, atuando na área comercial, com muitas responsabilidades. A arte acabou ficando adormecida, ficou em silêncio. E em 2016, tudo isso mudou, né? O retornar, o contato com o fazer artístico, algo se reacendeu de uma forma muito clara para mim. Passei a enxergar a arte como um campo de possibilidades, onde tudo que estava guardado podia ganhar forma. Foi esse o despertar, simples e direto, que me motivou a voltar, atravessar de vez o limite entre a intenção e a criação.*

**Dissonância:** O encontro com o artista Geraldo Leão é citado como um marco para você atravessar o limite entre a "intenção e o gesto". Poderia nos explicar o que significa, na prática da sua pintura, esse momento em que a hesitação dá lugar à ação na tela?

**Sérgio Lourenço:** *Isso tudo para mim soa como uma abertura interna. Foi uma explosão de ideias. Ao ouvir o Geraldo Leão falar sobre o processo, algo que ele organizou, veio uma clareza e eu sabia que era capaz. Na prática, o momento em que a hesitação desaparece e o gesto que assume. O pensamento deixa de, de, de travar e passa a impulsionar, o sentimento ganha força e pede forma. Tudo que está dentro se transforma em cor, movimento, matéria. E aí a pintura simplesmente acontece.*

**Dissonância:** Como você decide que uma obra está finalizada, visto que ela nasce de estados emocionais e não de um plano rígido?

**Sérgio Lourenço:** *A obra nasce de um estado emocional que me conduz a um imaginário inicial, não como algo fechado, mas como uma direção. Durante o processo, ela pode mudar cores, ritmos, formas, tudo vai se ajustando até que movimento e harmonia se estabeleçam. O ponto de finalização chega quando sinto um esgotamento criativo, ao mesmo tempo, a percepção de que atingi a essência do que eu buscava, algo entre 80%, 90% da ideia. É um reconhecimento meu, interno, quando olho e sinto que há mais que acrescentar, a obra está pronta.*

**Dissonância:** Um diferencial marcante no seu trabalho é a "arte interativa", onde o cliente participa da concepção da obra. Como é o desafio de traduzir elementos tão subjetivos do outro — como músicas, memórias e cores afetivas — na sua própria linguagem abstrata?

**Sérgio Lourenço:** *A arte interativa começa no escutar, acesso um campo íntimo do cliente, memórias, afetos, sensações, e o desafio sempre é transformar tudo isso em linguagem abstrata. Pra isso, eu recorro à intuição, empatia, busco o sentido que está por trás das palavras, né? Mas não é uma tradução literal. O universo do cliente se funde com o meu e é desse encontro que nasce a obra. Uma identidade, eu diria, compartilhada.*

**Dissonância:** Você já teve obras para diversos contextos e pessoas, inclusive uma das suas obras virou capa de um disco do Tião Folk, o quadro "Cecília Amarela". Existe algum ritual especial ou uma receita específica para você encontrar a essência de uma obra e construí-la em contextos tão diferentes?

**Sérgio Lourenço:** *Bom, eu não sigo um ritual fixo, mas existe um estado de imersão. A partir das informações que eu recebo, entro no universo da obra de forma sensível. Sou guiado pela empatia e pelo meu lado emocional. É como criar um campo ao redor daquilo que eu quero construir. Muitas vezes eu, enquanto a pessoa fala, a obra já começa a se transformar internamente. Quando inicio o processo, essa percepção ganha corpo e uma forma intuitiva. Imagens, referências ajudam, mas é essa imersão que me permite encontrar a essência de cada trabalho, mesmo em contextos tão diferentes.*

**Dissonância:** Você afirma que não entrega respostas ao espectador, mas sim "atmosferas". O que você espera que o público sinta ao ser confrontado com o "silêncio das formas abstratas" de suas telas?

**Sérgio Lourenço:** *Eu sempre espero que o espectador se permita acessar o próprio estado de espírito diante da obra. Ao entrar em contato com a pintura, ele naturalmente abre um campo sensível. E é a partir disso que as imagens surgem. Não como algo imposto por mim, mas construído por quem observa. Não cabe a mim definir o que deve ser sentido. Eu pinto a partir do meu estado emocional e espiritual. E ofereço apenas a atmosfera. O que me interessa é que cada pessoa encontre ali algo seu, único. De acordo com o que carrega naquele momento.*

**Dissonância:** Se você fosse pintar um quadro que representasse o artista independente, o que ele teria?

**Sérgio Lourenço:** *Falar sobre uma obra a partir de um texto é algo incrível. Mas seria mais ou menos assim, um ponto isolado em meio a uma escuridão, quase silencioso, de onde começa a emergir uma luz. Essa luz ganharia nuances, se expandiria, até se transformar em uma explosão de cores. Talvez a presença de um pequeno ser caminhando, atravessando esse espaço, enquanto sua mente se abre para um universo vibrante. Para mim, o artista independente é isso, alguém que parte do isolamento, do desconhecido e transforma esse percurso em expressão, porque a arte, no fim, é só uma explosão de sentimentos.*

**OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA**

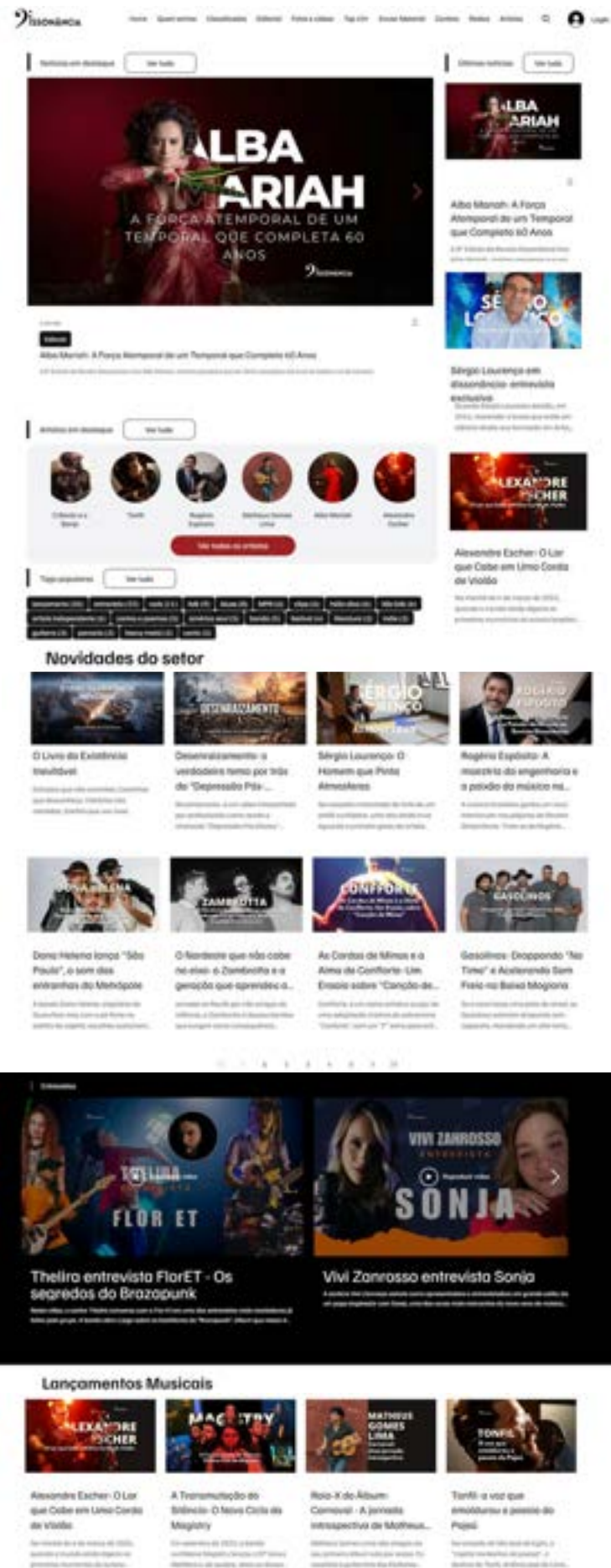


**[CLIQUE AQUI](#)**

# DISSONÂNCIA

ACESSO O PORTAL DISSONÂNCIA

[WWW.DISSONANCIA.COM](http://WWW.DISSONANCIA.COM)

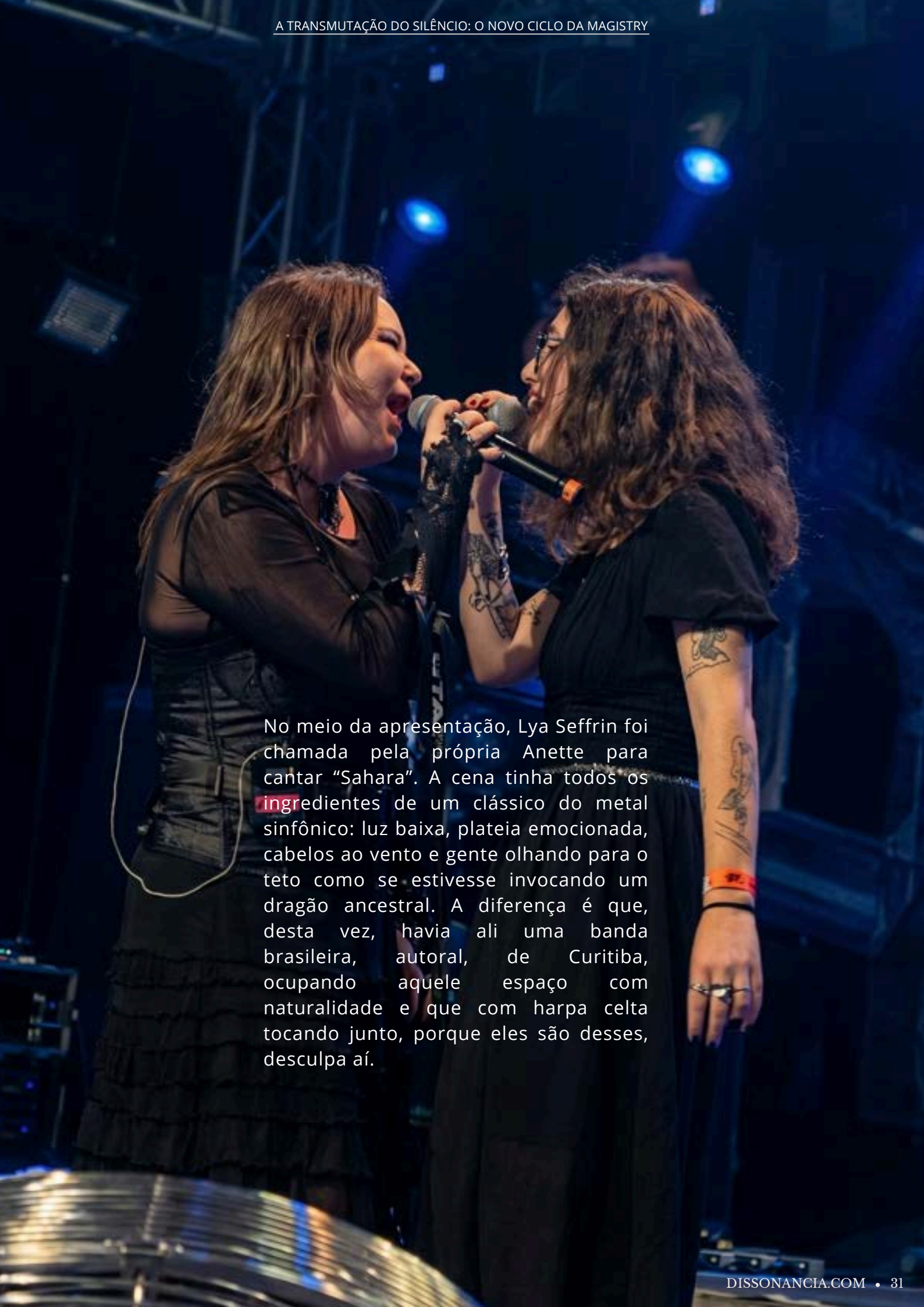


# A Transmutação do Silêncio: O Novo Ciclo da Magistry

Por Max Clark

*Em setembro de 2025, a banda curitibana Magistry lançou o EP Venus Mellifera e, de quebra, abriu os shows de Anette Olzon em Curitiba e São Paulo. Para qualquer grupo de metal autoral brasileiro, isso já seria motivo suficiente para mandar fazer camiseta comemorativa, tatuagem duvidosa e um post em fundo preto dizendo "gradidão eterna". A Magistry fez melhor: subiu ao palco e mostrou que o convite não foi um acidente, um favor de empresário ou um alinhamento místico dos planetas.*



A photograph of two women performing on a stage. They are both wearing black clothing and holding microphones, appearing to be in the middle of a song. The woman on the left has long, wavy brown hair and is wearing a black top with a ruffled skirt. The woman on the right has long, wavy brown hair, glasses, and is wearing a black top with a ruffled skirt. She has several tattoos on her arms and is wearing a red wristband. The background is dark with blue stage lights. The text is overlaid on the lower right portion of the image.

No meio da apresentação, Lya Seffrin foi chamada pela própria Anette para cantar "Sahara". A cena tinha todos os ingredientes de um clássico do metal sinfônico: luz baixa, plateia emocionada, cabelos ao vento e gente olhando para o teto como se estivesse invocando um dragão ancestral. A diferença é que, desta vez, havia ali uma banda brasileira, autoral, de Curitiba, ocupando aquele espaço com naturalidade e que com harpa celta tocando junto, porque eles são desses, desculpa aí.



MAGISTRY E ANETTE OLZON

**“Cantar com ela foi uma baita escola sobre técnica, performance e interação com o público”,** disse Lya depois dos shows. O tipo de frase que, no universo do heavy metal, substitui tranquilamente um diploma pendurado na parede.

A ascensão da Magistry é rápida, mas não foi exatamente instantânea. Como quase tudo no metal autoral, ela começou antes, muito antes, em um lugar menos glamouroso que um palco lotado: uma gaveta.



THIAGO PARPINELI

As primeiras músicas da banda foram escritas por Thiago Parpineli cerca de doze anos antes da fundação oficial do grupo, lá na terra do "leite quente, daí!" (*eu sei, eu sei, essa piada do leite quente pode gerar um incidente diplomático entre SP e PR, mas e daí, isso é metal!!!*).

Enquanto muita gente passava a adolescência aprendendo três acordes para tocar num churrasco, Thiago mergulhava em música antiga, barroca, medieval e no estudo de harpas históricas. Porque, aparentemente, aprender guitarra já não era complicado o suficiente.

Quando a Magistry surgiu oficialmente, em junho de 2023 - ano em que a humanidade ainda se recuperava de uma pandemia e tentava entender se ia ter show de RBD de verdade ou não -, aquelas composições antigas finalmente encontraram um grupo capaz de transformá-las em algo maior. E o próprio Thiago explica a origem do nome:

**“A ideia do nome veio justamente da ideia de dar uma nova era, uma nova vida para essas músicas; a maioria tem mais de 12 anos”**

O nome da banda veio de um antigo grimório ligado à alquimia e à magia. Soa exatamente como aquilo que você esperaria de uma banda que mistura doom metal, death metal, harpas celtas e letras sobre autotransformação.



A boa notícia é que a Magistry leva esse imaginário a sério sem cair naquele velho problema de parte do heavy metal: parecer uma mesa de RPG narrada por alguém que acabou de descobrir incenso e capa preta.

Thiago montou o que a banda chama de **“Corpus Magisterium”** (*sim, eles usam termos em latim, o que vocês esperavam, que batizasse a banda de araucária from hell?*), reunindo um time de músicos que parece ter sido montado por um algoritmo de Inteligência Artificial treinado especificamente para irritar bandas cover de Curitiba.

A formação é, convenhamos, eclética (*faz tempo que não uso essa palavra*) no melhor sentido da palavra. Vamos aos nomes do grupo, segura aí esse carteadado:



Lya Seffrin, vocalista, traz formação em Licenciatura em Música pela PUCPR e Pós-Graduação em Pedagogia Vocal, não que ela precise de diploma pra validar um gutural bem dado. Mas no meio de tanto amadorismo com pose de profissional, é quase deleite ver alguém que realmente estudou sua arte e sabe o que faz.



Leonardo Arentz, além de guitarrista, é autodidata em técnicas vocais de distorção e já foi frontman de um tributo ao Amon Amarth, o que, traduzido para o português claro, significa que ele passou anos gritando como um viking bêbado antes de aprender a fazer isso profissionalmente.



Leonardo Rivabem no baixo já tocou com Tristania (*sim, aquela banda norueguesa que você finge conhecer quando quer parecer cult no metal*).



E, é claro, Parpineli, que é basicamente o mago do grupo, literalmente (*ele me dá medo, sério!*).



João Borth, outro guitarrista, tem mestrado em música e antropologia, foi regente da Big Belas Band e atualmente é timpanista da Orquestra Nova de Curitiba.

Até agora há pouco eu pensava que tímpanos tinham a ver ouvidos, depois de estudar a Magistry percebi que, para nossa alegria, minha cabeça tá no lugar certo, separando as orelhas (*risos tristes*).



Johan Wodzynski, o baterista, chega sem rodeios e admite ter **"pegado o bonde andando"** quando Thiago Parpineli montou o time dos sonhos. Mas não veio só pra bater palma: garante que **"deu tempo de dar a minha cara para cada um dos sons"**. Enquanto muita gente na cena metal ainda briga pra segurar um groove decente sem derrubar o metrônomo, Johan entrou de paraquedas alinhado e já imprimiu sua assinatura em cada virada, cada blast e cada respiro da sessão rítmica.

## Desenvolvimento

**Criativo: Quando o**  
**Erudito Encontra o**  
**Extremo**

Agora, vamos falar sobre o elefante na sala, ou melhor, sobre a harpa celta na sala. A sonoridade da Magistry é o tipo de coisa que faz você questionar suas escolhas musicais. Eles pegam Death Metal, Gothic Metal, Doom Metal e jogam no liquidificador com orquestrações barrocas, românticas, harpas históricas, alaúdes, cítaras, oboés, saxofones, trombones e, para completar a salada, técnicas de throat singing mongol. É como se Bach e Cannibal Corpse tivessem tido um filho, e esse filho fosse criado por monges beneditinos em um mosteiro no Tibet.

**"Eu acredito que esse equilíbrio se dá muito através do arranjo"**, explica João Borth em entrevista exclusiva à Dissonância.

**"As orquestras na Magistry não são uma cama sonora, elas são partes inerentes do nosso discurso musical, da mensagem que a gente quer passar"**

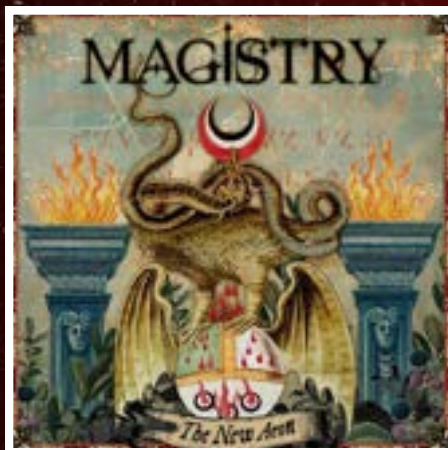
Tradução: enquanto sua banda usa teclado genérico de R\$ 800 comprado na loja de instrumentos do centro, eles estão lá preocupados com a **"assertividade da escolha da instrumentação"** e com naipes de metais versus madeiras (e pensar que meu violão tá com o braço todo empenado e eu sofrendo pra tocar "Eu Sei" do Legião Urbana).



O primeiro álbum, **The New Aeon**, lançado em março de 2025, explora o dualismo entre bem e mal, porque, claro, uma banda de metal que não fala sobre dualismo entre bem e mal é como um hambúrguer sem pão.

São 11 faixas que, segundo os próprios integrantes, tratam de autotransformação, ocultismo e transmutação alquímica.

**"Alchemy of the Inner World"**, por exemplo, é sobre **"todo um certo processo de autotransformação para seguir o caminho melhor para si mesmo"**, segundo os músicos. Ou seja, é terapia com distorção. E funciona.



Mas o verdadeiro salto criativo veio com **Venus Mellifera**, EP lançado em setembro de 2025. Aqui, a banda resolveu que afinal de contas já tinham sido suficientemente pesados e mergulhou nos epítetos de Afrodite, sim, a deusa grega do amor e da beleza, aquela que normalmente aparece em pinturas renascentistas saindo de uma concha. **"Como se o EP todo fosse um passeio nesse campo florido, conhecendo e experimentando vários tipos de amor"**, descreve Parpineli. A sonoridade ganhou nuances pop, shoegaze, atmosferas mais poéticas. É a prova de que você pode fazer metal sobre deusas gregas sem soar como aquele álbum "conceitual" do seu primo que ninguém pediu.



**A Voz dos Artistas: Magistry entre o Palco e a Alma**



LEONARDO RIVABEM - FOTO: ANDRÉ TEDIM

O que torna a trajetória da Magistry particularmente interessante não é apenas a técnica, embora, convenhamos, a técnica seja insultantemente boa (pqp). É a maneira como os integrantes falam sobre o processo criativo, sem cair nos clichês metálicos de "fazer música pelo metal" ou "viver pelo rock" (olhos revirando).



LYA SEFFRIN - FOTO: ALBERTO MONTOYA PALACIOS

Lya Seffrin, sobre a experiência de gravar após meses de estrada: **"Parece que eu consigo criar uma intimidade maior com elas [as músicas] e trazer ainda mais criatividade e personalidade pro vocal"**.



LEONARDO ARENTZ - FOTO: ANDRÉ TEDIM

Leonardo Arentz, por sua vez, captura perfeitamente o dilema de qualquer banda em ascensão: **"Estamos crescendo, sendo visto e medidos, e isso é assustador, mas ao mesmo tempo é incrível"**. É a síndrome do impostor que todo artista sério conhece, só que aqui temperada com guturais técnicos.



JOÃO BORTH - FOTO: ANDRÉ TEDIM

João Borth, o guitarrista com mestrado que compõe pensando em **"forma musical"** como se estivesse escrevendo uma sinfonia do século XVIII, declara: **"Estou realizado como músico, compositor e intérprete"**. E não para por aí, ele é o porta-voz da banda quando o assunto é autoral versus cover. **"Não sou favorável a bandas cover... acho, de certa forma, 'feio' que o nosso cenário... seja recheado de bandas cover nas casas mais legais"**. É um posicionamento corajoso em um país onde tocar "Paranoid" de Black Sabbath mal paga a cerveja do baixista, mas onde bandas autorais precisam fazer crowdfunding para lançar um single.



JOHAN WODZYNSKI - FOTO: ANDRÉ TEDIM

Johan Wodzynski, o baterista que **"pegou o bonde andando"**, traz uma perspectiva interessante sobre integração em bandas já formadas: deu tempo de **"dar a minha cara para cada um dos sons"**. É o tipo de frase que soa simples, mas esconde meses de ensaio, discussões sobre arranjos e, provavelmente, algumas brigas sobre se a bateria está muito alta no mix.

## O cenário autoral do segmento metal

O mercado de heavy metal, especialmente o nicho sinfônico, é um oceano vermelho sangrento. Estamos falando de um gênero onde bandas como Nightwish, Epica, Within Temptation e After Forever (*agora defunta, mas eterna em nossos corações*) dominaram o cenário global por décadas.

Para uma banda brasileira, de Curitiba (*leite quente, daí!! [foi mal, não resisti]*), sem gravadora multinacional, sem budget europeu, sem aquele sotaque escandinavo que automaticamente faz jornalistas de metal escreverem elogios rasgados, para essa banda existir e ser notada, ela precisa ser muito boa. Não **"boa para padrões brasileiros"**. Muito boa, ponto final.

Para se destacar nesse cenário, é preciso mais do que virtuosismo.

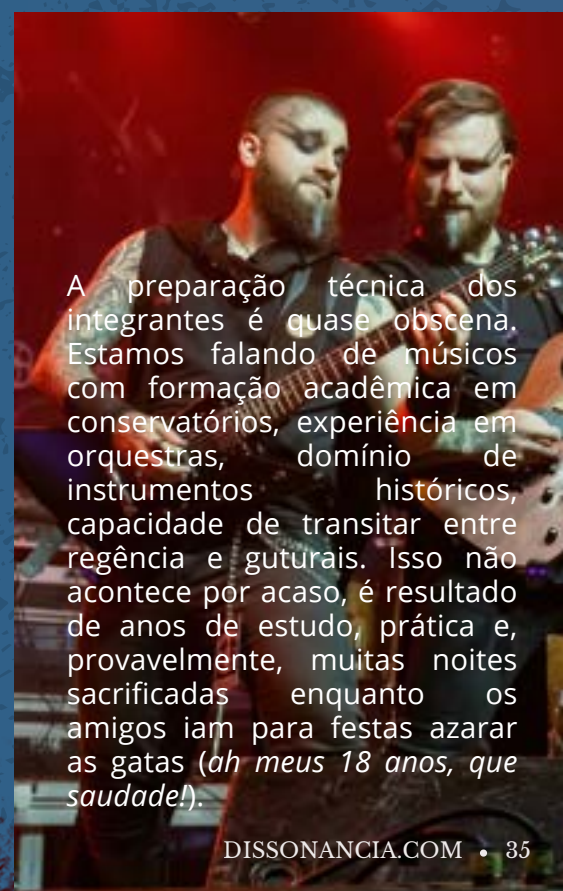
É preciso repertório, personalidade e, talvez o mais difícil, equilíbrio psicológico. Porque tocar metal autoral no Brasil significa conviver com casas cheias de bandas cover tocando os mesmos clássicos pela milésima vez enquanto o grupo que passou meses compondo, ensaiando e gravando tenta convencer o público a ouvir algo novo.

A Magistry sabe disso. E bate nessa tecla sempre que sobe ao palco.



1º LUGAR NO VIII FESTBANDAS CWB

Em 2024, a banda venceu o Festival de Bandas Autorais de Curitiba. Foi um sinal importante de que havia espaço para um trabalho autoral sofisticado, mesmo em uma cena acostumada a tratar novidade como se fosse uma doença contagiosa.



A preparação técnica dos integrantes é quase obscena. Estamos falando de músicos com formação acadêmica em conservatórios, experiência em orquestras, domínio de instrumentos históricos, capacidade de transitar entre regência e guturais. Isso não acontece por acaso, é resultado de anos de estudo, prática e, provavelmente, muitas noites sacrificadas enquanto os amigos iam para festas azarar as gatas (*ah meus 18 anos, que saudade!*).

## Fechamento Prospectivo: Para Onde Vai a Transmutação?

O futuro da Magistry aponta para mais experimentação e mais ousadia. João Borth adianta em entrevista exclusiva:

**"Nós estamos no período de pré-produção do nosso segundo álbum... nós temos bastante experimentação com música brasileira. Tanto em termos de instrumentação, bastante percussão, como em questões rítmicas. Então, baião, samba, diversos ritmos do folclore brasileiro vão entrar nessa mescla com metal"**

É uma evolução lógica. Depois de provar que podem fundir metal extremo com música barroca europeia, agora querem trazer o Brasil para dentro da equação. Atabaques, rabecas, violas caipiras, baião, samba, tudo isso misturado com a sonoridade que já os tornou reconhecidos. Borth garante que será "**uma coisa muito única**", e quem ouviu The New Aeon e Venus Mellifera tem motivos para acreditar.

A ambição internacional existe, como Borth declara: "**existem perspectivas muito palpáveis no horizonte para que nós saíamos do Brasil, indo para territórios europeus**". Mas a banda mantém os pés no chão. "**Ainda existe chão pra percorrer aqui no país**", reconhece.

O que a Magistry representa, no final das contas, é uma narrativa de esperança para o metal autoral brasileiro, temperada com realidade. Eles querem provar que é possível, sim, sair de Curitiba com músicas engavetadas de 2012, instrumentos medievais e uma formação acadêmica exagerada, e conquistar o respeito de ícones mundiais. Mas eles mostram também que isso exige preparação técnica que beira o obsessivo, resiliência psicológica para lidar com um mercado que prefere covers, e uma recusa total em fazer o óbvio

Enquanto isso, sua banda ainda está discutindo se vale a pena tocar "Enter Sandman" ou "Sweet Child O' Mine" no próximo show. A diferença, como diria um alquimista, está na transmutação (ou na falta dela).

# Magistry em dissonância: entrevista exclusiva

Por Max Clark

*Entre harpas, guitarras pesadas e arranjos minuciosamente construídos, a Magistry vem se firmando como um dos nomes mais interessantes do metal autoral brasileiro. Em entrevista à Revista Dissonância, o guitarrista e porta-voz João Borth fala sobre a trajetória da banda, a construção de sua discografia, a busca quase obsessiva pela perfeição sonora e os desafios de defender um trabalho autoral em meio a uma cena ainda dominada por covers. Ao longo da conversa, João também revela detalhes sobre os bastidores de The New Aeon, o EP Venus Mellifera e os próximos passos da banda.*

**Dissonância:** A sonoridade da Magistry é um amálgama de Death, Gothic e Doom Metal com instrumentos eruditos como harpas celtas, alaúdes, cítaras e oboés. Como é o processo técnico de equilibrar o peso das guitarras e guturais com a delicadeza dessas texturas barrocas e românticas?

**João Borth:** Antes de tudo, é um prazer enorme conceder essa entrevista pra Dissonância. Nós nos sentimos muito honrados com o convite. Eu acredito que esse equilíbrio se dá muito através do arranjo. Então, em partes mais densas, você escolher naipes de metais ou de cordas para dar esse peso maior e, em partes mais brandas, a utilização uma das madeiras, por exemplo, acaba fazendo com que essa equalização fique um pouco mais acentuada. As orquestras na Magistry não são uma cama sonora, elas são partes inerentes do nosso discurso musical, da mensagem que a gente quer passar. E, quando o Thiago, que é o responsável por essas partes orquestrais, é o nosso maestro, quando ele tá confeccionando esses arranjos, essas escolhas estéticas, elas, elas são muito importantes. No final das contas, vem um trabalho de mixagem para que o que deva aparecer, apareça. E esse equilíbrio se dá muito na assertividade da escolha da instrumentação. Acredito que seja por aí.

**Dissonância:** No EP acústico “The Delightful Companion”, vocês exploraram instrumentos antigos e até técnicas de throat singing (canto difônico mongol). Existe o plano de levar esses experimentos mais exóticos para as composições elétricas futuras?

**João Borth:** Nós estamos no período de pré-produção do nosso segundo álbum. Então, tivemos o The New Aeon no ano passado, com algumas sobras desse álbum e mais músicas que existiam no nosso repertório nós gravamos o Venus Mellifera. E agora estamos na pré-produção de um do segundo álbum. Eu acredito que eu ainda não possa revelar o título, mas, basicamente, nós temos bastante experimentação com música brasileira. Tanto em termos de instrumentação, bastante percussão, como em questões rítmicas. Então, baião, samba, diversos, diversos ritmos do folclore brasileiro vão entrar nessa mescla com metal. Uma coisa que não é exatamente original, nós sabemos disso, né? Temos exemplos do Sepultura fazendo isso, do Angra fazendo isso, outras bandas também que misturaram forró ao hardcore. Temos isso no cenário nacional. No entanto, acredito que não com essa essência que nós temos na Magistry.

Acaba sendo uma coisa muito única, pelo menos eu vejo dessa forma. Essas experimentações diferentes vão aparecer bastante nesse nosso, de certa forma, segundo trabalho em termos de álbum. E é engraçado porque nós terminamos, nós lançamos o Venus no em setembro passado, e fizemos alguns shows em Curitiba, em São Paulo. Aí de repente, num piscar de olhos, existem mais 14 músicas prontas para serem gravadas. E agora estamos na fase desse alinhamento entre, quer dizer, o repertório já foi escolhido porque escolhemos 14 e ainda tem sobras – isso é um papo para outro momento. É uma banda extremamente produtiva, isso nos deixa muito orgulhosos. Então, nesse segundo trabalho teremos essas experimentações com atabaque, rabeca, viola caipira, esses instrumentos diferentes, de uma forma que essa amálgama sonora, ele funcione sem parecer forçado ou sem cair em certos clichês que certas escolhas estéticas podem acabar gerando.

**Dissonância:** O álbum de estreia focava no dualismo entre o bem e o mal. Já o EP Venus Mellifera mergulha nos epítetos de Afrodite, explorando o amor e o prazer com nuances de pop e shoegaze. Essa mudança para uma sonoridade mais "palatável" e atmosférica foi uma decisão consciente de mercado ou uma evolução natural da escrita de vocês?

**João Borth:** Na verdade, o que aconteceu foi que numa das reuniões para os ensaios do show acústico em 2024 – veja, nós estávamos gravando o “New Aeon” em 2024 para lançá-lo em 2025 –; e, nesse meio tempo, nós lançamos o “Delightful”, foi um trabalho acústico com algumas dessas músicas, com uma roupagem mais cancionista. Ao mesmo tempo que existiam sobras do New Aeon, e músicas que estavam engavetadas por um ou outro motivo e que mostrando, principalmente o Thiago, o Johan e eu, que, até o momento, somos os principais compositores da banda, percebemos que elas tinham, existia um fio condutor ali. Então, foi natural juntá-las em um trabalho único. Quer dizer, não eram canções o suficiente para termos um álbum, mas também não eram canções que poderíamos desprezar e não usá-las. Então, muitas vezes, existia um riff ou um trecho de letra. Aí, esse fio condutor dessa mitologia grega acabou sendo utilizado para que concentrássemos essas canções. E assim nasceu o, o “Venus Mellifera”. Trabalho conceitual que normalmente parte do Thiago e nós vamos adequando as peças à determinada estética.

No final das contas, o *New Aeon* é um álbum pé na porta, para dizer, nós existimos, estamos chegando dessa forma. Não que a gente tenha pisado no freio com o *Venus*, mas são canções um pouco mais reflexivas, introspectivas de certa forma, e para esse segundo trabalho, a gente vai mesclar essa ideia do metal mais próxima do primeiro álbum, a música brasileira e certas questões estéticas que nos são caras dentro desse cenário todo, dessa ambientação. Então, se, por um lado, em um primeiro momento era um metal mais tradicional, e no segundo momento, nós partimos para uma estética um pouco mais doom, esse segundo álbum vai ser uma mescla disso, mas com uma cara nova. E eu não vou falar muito, porque senão eu vou acabar entregando, e logo a gente vai entrar em processo de gravação também. Então, aguardem, acredito que ainda esse ano saia algum single. Então, afinal são 14 músicas.

**Dissonância: João Borth, você compôs faixas como "Divine" e "Frozen Heart Fades", que buscam uma persona dionisíaca. Como sua formação em regência e mestrado em música influencia a forma como você estrutura essas narrativas épicas e cadenciadas?**

**João Borth:** Antes de tudo, *Divine*, com toda certeza, é uma canção que aborda esse lado dionisíaco, mas *Frozen* nem tanto. *Frozen* tem uma camada um pouco mais introspectiva. Agora, quanto à formação em regência, eu nunca parei pra refletir até que ponto que isso me ajuda ou altera o processo de composição. Eu penso sempre em forma, na forma da música. Então, se a gente colocar uma esponja em qualquer uma dessas duas canções, na verdade, acredito que em boa parte das coisas que eu componho, você colocar uma esponja, vai sobrar uma introdução, um riff introdutório. Eu, eu gosto muito dessa ideia do riff, né? Tony Iommi do *Black Sabbath*, sempre uma grande influência nessa parte. Então, acredito que uma canção com um bom riff, ela tem um caráter mais marcante. Depois disso, um verso, gosto muito de compor melodias. Então, por mais que seja uma harmonia simples, às vezes, dois ou três acordes, que a gente vá rebuscando através do arranjo. Afinal, somos em seis. Então, você pode brincar com partes harmônicas com um pouco mais de carinho. Então, essa estrutura de verso com uma melodia bonita, em refrão e, quem sabe um solo, mas não necessariamente. Então, normalmente, eu gosto de pensar em AB. A sendo "verso", "refrão" e um B pra variar, pra ter essa variação na estrutura. Então, A – refrão – B – refrão – A – refrão. Eu gosto dessa, não vou dizer fórmula, vou chamar de forma. Porque essa ideia de forma, ela te traz a ideia de que, por mais que você tenha diferentes ingredientes, você pode ter bolos de diversos sabores.

A tua forma é a mesma, mas como você recheia isso vai depender do teu humor, estado de espírito. Eu, particularmente, não acredito tanto em inspiração, compor. Pelo menos pra gente, na banda, compor não é exatamente uma questão de: 'nesse sábado chuvoso, me senti inspirado a escrever essa canção'; é muito mais uma proposta diária de sentar com o instrumento e: 'OK, essa ideia é interessante e essa também. Ah, elas conversam!'; agora a gente vai montar, pra que seja uma canção. E daí, vai muito do trabalho de mostrar isso uns pros outros pra ver corta aqui, melhora, aumenta essa parte, diminui aquela. É um processo que, em um primeiro momento, ele é individual, mas que cada vez mais tem se tornado coletivo quando as coisas já estão mais encaminhadas. Eu acredito que eu tenha fugido um pouco da pergunta inicial, mas, eu acredito que a minha aula sobre forma do primeiro ano do curso de composição em regência, tenha influenciado, mas eu realmente nunca parei pra pensar muito a respeito. Às vezes, é difícil conversar sobre o teu próprio processo criativo, né? Mas, eu sou uma pessoa um tanto quanto afixionada pelo método, e acredito que ele não mude tanto. O método é, praticamente, o mesmo todas as vezes.

**Dissonância: A banda conquistou o primeiro lugar no Festival de Bandas Autorais de Curitiba em 2024 e tem reforçado a importância da música autoral em seus shows. Como vocês enxergam a atual cena independente brasileira para bandas que apostam em produções tão densas e instrumentação orquestral? Há espaço para mais bandas nesse estilo?**

**João Borth:** Eu acredito que haja espaço, sim. Existe espaço para todo mundo. O que vale é fazer um trabalho coerente, um trabalho caprichoso, porque nós sabemos que, nas atuais conjunturas culturais do país, talvez do mundo, eu não, não sou uma pessoa tão aprofundada em geopolítica para discorrer a respeito, mas, num cenário brasileiro, talvez, eu consiga dar os meus 20 centavos. Acredito que o heavy metal não tenha sido o maior foco da mídia. Por um lado, é ruim, afinal, nós temos menos investimento e menos holofotes sobre. Por outro, é bom, porque a cena acaba se reciclando. E você tem pessoas que realmente querem fazer as coisas acontecerem e existe mais esforço, logo, o que sobra é o que realmente tem qualidade. Pensando em longo prazo, claro. Mas espaço existe. Espaço existe. Acredito que a grande questão é que as bandas precisam fomentar eventos, porque muitas vezes esperar por casas de show ou esperar que você vá receber uma oportunidade de tocar, é cada vez mais raro, visto que bandas cover acabam tendo muito espaço.

*Acho que a essa altura do campeonato, não é demérito nenhum dizer que, claro, os músicos precisam ganhar seu dinheiro, mas eu, falando como músico profissional, não vejo valor em bandas cover. Eu acredito que, OK, tudo bem você tocar as músicas que você gosta com os seus amigos, mas acho, de certa forma, "feio" que o nosso cenário, pensando assim, em Curitiba, seja recheado de bandas cover nas casas mais legais. Então, o que eu acredito que seja o remédio para isso, é que as bandas se conversem para que façam os próprios eventos, para fomentar essa cena autoral. Cena autoral na cidade é incrível. Mas, muitas vezes, não é nas casas maiores que você vai ver essa cena acontecendo, o que é muito triste. Estou falando como João agora, não estou pondo palavras na boca de ninguém da banda, esse é um pensamento meu. Não sou favorável a bandas cover. E acredito que existe espaço para autoral, sim, mas a cena autoral precisa se manifestar e se conversar para que esses eventos, mini festivais, coisas do gênero, aconteçam.*

**Dissonância:** Após a recepção calorosa em Curitiba e São Paulo e o lançamento de dois trabalhos significativos em menos de um ano (The New Aeon e Venus Mellifera), qual é o próximo passo da Magistry para consolidar esse "Corpus Magisterium" no cenário internacional?

**João Borth:** Bom, apesar dessa recepção calorosa, nós realmente ficamos muito contentes com tudo isso, ainda existe chão pra percorrer aqui no país. Existem propostas de shows fora, mas pensando como um grupo que ainda gostaria de conquistar algumas coisas no território onde pertence, talvez não seja a hora. Acredito que no futuro próximo, isso seja muito possível, mas nesse exato momento, ainda temos algumas coisas para, lugares para ir, né, estradas a percorrer aqui dentro do nosso território. E digo isso em termos de Brasil. Digo isso também em termos de América Latina. Mas existem perspectivas muito palpáveis no horizonte para que nós saíamos do Brasil, indo para territórios europeus. No futuro muito próximo, mas também não posso dar muitos detalhes a respeito disso, porque tem algumas coisas que precisam se concretizar antes disso. Mas no momento, a ideia é que a gente permaneça por aqui, e faça, tenha uma agenda mais contundente em cidades como Porto Alegre, São Paulo, algumas outras capitais, interior de São Paulo também tem algumas coisas que tão começando a aparecer. Mas, no futuro próximo, as nossas ambições internacionais provavelmente vão se concretizar.

**OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA**

**[CLIQUE AQUI](#)**

# RAIO-X DO ÁLBUM PARA QUEM QUER SER COMPREENDIDO DO JEITO CERTO

**DISSONÂNCIA**  
o maior ecossistema de divulgação de artistas independentes do Brasil

**RAIO-X DO ÁLBUM**  
Cada faixa explicada. A obra compreendida

Nem todo álbum merece uma análise faixa a faixa. O seu, sim.

Cada música explicada no detalhe, com contexto histórico, intenção artística e leitura curatorial.

Um conteúdo que transforma lançamento em obra compreendida.

O mesmo padrão de excelência da Dissonância.

ENTRE EM CONTATO PELO WHATSAPP

**(021) 96736-6260**

# PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

## MAGISTRY

Fundada em Curitiba em 2023, a Magistry surgiu a partir de composições escritas anos antes pelo tecladista e harpista Thiago Parpineli. A banda une metal sinfônico, gothic, doom e death metal, construindo uma identidade marcada pelo uso de harpa celta, instrumentos históricos e arranjos orquestrais.

A discografia começou com o single "Lost Paradise", lançado em dezembro de 2023. Em 2024 vieram "The White Shores", sobre o luto, e "Alchemy of the Inner World", faixa que explora a transformação interior. Ainda naquele ano, a banda lançou o EP acústico "The Delightful Companion: A Prelude for The New Aeon", antecipando sonoridades e temas do primeiro álbum.

Em março de 2025 chegou "The New Aeon", disco de estreia que consolidou a proposta da Magistry ao misturar peso, atmosferas sombrias e elementos eruditos. O álbum combina guitarras agressivas, vocais líricos e guturais, além de violinos, cellos, alaúdes, oboés e metais, sempre a serviço das canções.

Poucos meses depois, a banda lançou o single "Divine" e, em setembro de 2025, o EP "Venus Mellifera", trabalho mais melódico e atmosférico, inspirado nos diferentes aspectos de Afrodite.

Parte dessa busca pela perfeição sonora vem da formação de seus integrantes. Thiago Parpineli estudou música antiga e harpas históricas; a vocalista Lya Seffrin é formada em música e pós-graduada em pedagogia vocal; o guitarrista João Borth é mestre em música e antropologia. A soma dessas experiências faz da Magistry uma banda obcecada por detalhe, técnica e identidade própria.

### REDES SOCIAIS



Venus Mellifera  
19/09/2025



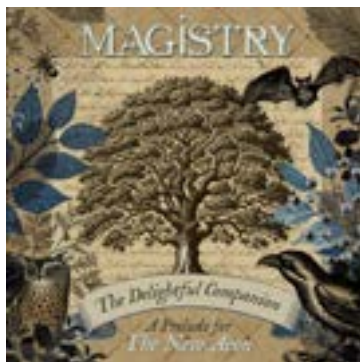
Sabbath Bloody Sabbath  
08/08/2025



Divine  
27/06/2025



The New Aeon  
05/03/2025



The Delightful Companion  
20/12/2024



Alchemy of the Inner World  
14/04/2024



The White Shores  
14/03/2024



Lost Paradise  
08/12/2023



# DESENRAIZAMENTO

o verdadeiro tema por trás da "Depressão Pós-Disney"

Por Rogério Espósito

Recentemente, vi um vídeo interpretado por profissionais como sendo a chamada "Depressão Pós Disney" (DPD). Uma turista brasileira adolescente chorando muito e dizendo que não quer voltar para, segundo ela mesma, "o buraco que é a cidade onde mora". Ela quer ficar em Orlando, morar no Castelo da Cinderela. Alguém analisou como um caso típico de DPD, "não me cabe julgar, só quem já passou sabe".



Muitos turistas passam pelo sentimento de nostalgia ou melancolia de fim de viagem, principalmente quando ela rendeu momentos bons e memoráveis. Hora de voltar para a rotina, o trânsito, o stress, que chato. Sim, é uma sensação meio incômoda, mas não chega a deprimir na maioria dos casos. Porque, na maioria dos casos, quem volta de viagem, volta revigorado para retornar às atividades profissionais das quais gosta e se orgulha de exercer, pois o salário que lhe permite realizar uma viagem desse nível provavelmente não vem de um sub-emprego de subsistência. Para estes turistas, o melhor destas viagens é voltar para casa com a bagagem cheia de memórias, conquistas e novidades. A tal "melancolia" ou "nostalgia" se dilui na volta pro aconchego do quarto, da cama, do sofá, da geladeira cheia do que a gente gosta de comprar no mercado ali perto...

Ora, se a tal melancolia de fim-de-viagem ganha proporções de depressão, é porque provavelmente o turista já rompeu relações com o ambiente onde mora há muito tempo. Essa moça vive provavelmente um caso de "desenraizamento". Não se sente pertencente à cultura, aos costumes, aos valores do seu meio social.

Dependendo da idade, nem sabemos realmente a que conjunto de costumes e valores gostaríamos de pertencer. Isso agrava a situação, pois soma à insatisfação do não-pertencimento a insegurança de não se saber o que se quer. Sabe-se apenas o que NÃO se quer: voltar para aquele ambiente. Aí, o Castelo da Cinderela passa a ser um Paraíso, "quero ficar aqui pra sempre".

Mas como ficar ali para sempre de uma maneira sustentável ? A vida de imigrantes que vão trabalhar na Disney não é nenhum paraíso, todos sabemos disso. Na maioria dos casos, trabalhar lá é apenas um degrau para o que efetivamente se busca. Não quero e não tenho o direito de julgar a moça do vídeo. Mas de sensação de não-pertencimento eu entendo um pouco. Ela precisa se planejar. E pode começar negociando com a família a possibilidade desta lhe ajudar com um aluguel em um bairro ou município mais atraente, inclusive do ponto de vista logístico para o cenário profissional que a moça também já tem que ter traçado. Escute "Palavras Cegas", moça.

Se tudo lhe parece impossível hoje, aproveite o isolamento inevitável para estabelecer metas razoáveis de curto e médio prazo. Já está na faculdade ? O curso é promissor ? Precisa mudar ? Tem apoio familiar ? Precisa trabalhar enquanto estuda ? Faça. Viva seus dias trabalhando pelo dia derradeiro no qual você se mudará daí. Até lá, evite eventos locais de baixo retorno cultural ou de alta relação custo/benefício. Recolha-se para ler, estudar, aprender sobre Inteligência Artificial aplicada à sua área, por exemplo.

Estou procurando um livro chamado "O Enraizamento", de uma filósofa chamada Simone Weil. Ela atribui à falta de identidade do homem com suas raízes o status de maior ameaça à Civilização Ocidental ! Veja a ampliação de escala em relação à sua DPD ! Leia esse livro e me conte se vale a pena. Rompa com o que tiver que romper, mas faça outros laços com aquilo que realmente representa os seus valores. Para isso, você deve desenvolvê-los. Saber o que quer, formar opinião. Só o fato de ter consciência de estar se movendo, tomando providências, vai fazê-la sentir-se melhor, mesmo que você tenha que "sacrificar" o seu tempo presente ralando para construir um futuro.

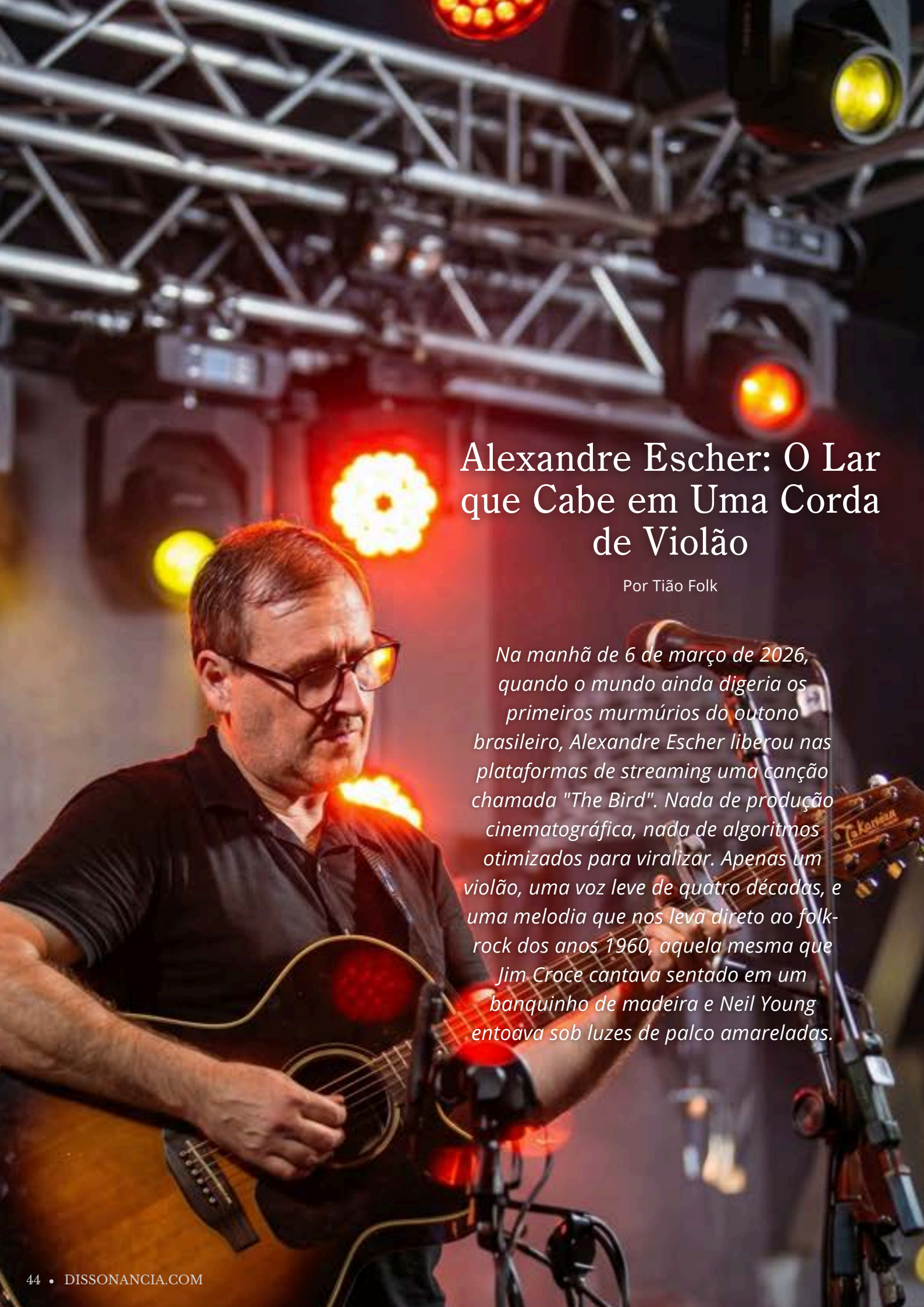
Rezar pra Santa Rita somente não vai adiantar. Eu, Rogério Espósito, te entendo e desejo que você encontre o seu caminho, seja ele uma estrada para Orlando, uma Stairway to Heaven ou uma rotina prazerosa junto aos seus em um lugar que te faça bem. Boa sorte!



### Sobre Rogério Espósito



*Rogério Espósito é cantor, compositor e pianista. Com pós-doutorado em área técnica e uma carreira sólida de mais de 25 anos atuando em projetos de grande envergadura, ele traz para nossas páginas uma bagagem cultural densa, moldada por décadas de estudo sistemático ao piano e composições profundas sobre existência humana. Essa dualidade aparentemente contraditória revela-se, na verdade, complementar: a disciplina científica fornece a estrutura sobre a qual a criatividade pode florescer com liberdade e propósito.*



## Alexandre Escher: O Lar que Cabe em Uma Corda de Violão

Por Tião Folk

*Na manhã de 6 de março de 2026, quando o mundo ainda digeriria os primeiros murmúrios do outono brasileiro, Alexandre Escher liberou nas plataformas de streaming uma canção chamada "The Bird". Nada de produção cinematográfica, nada de algoritmos otimizados para viralizar. Apenas um violão, uma voz leve de quatro décadas, e uma melodia que nos leva direto ao folk-rock dos anos 1960, aquela mesma que Jim Croce cantava sentado em um banquinho de madeira e Neil Young entoava sob luzes de palco amareladas.*

Aos 26 anos de carreira, Alexandre Escher ocupa um espaço raro na música independente brasileira. É cantor, compositor, vocalista da Gear, guitarrista da Orquestra Estelar, professor universitário, bioquímico e mestre em Genética. Entre laboratórios, salas de aula e palcos, construiu uma obra marcada pela sensação de deslocamento, pela tentativa de conciliar mundos aparentemente opostos e por uma obstinação em fazer da música um território habitável.

Nascido no Rio Grande do Sul, Alexandre foi transplantado para as paisagens do Pará aos sete anos de idade. Tinha apenas sete anos quando deixou o Sul e passou a viver em Santarém. Mais tarde, mudou-se para Belém. Depois, voltou novamente a Santarém. A vida inteira parece ter sido feita de partidas, retornos e tentativas de adaptação. Nenhum desses lugares, no entanto, foi capaz de lhe oferecer a sensação definitiva de pertencimento.



**“Eu sempre me sentia bem e ao mesmo tempo não fazendo parte de onde quer que eu estivesse. Então, eu acho que boa parte das coisas que eu escrevo é tentando até entender esse sentimento”**

A frase talvez seja a chave de toda a sua discografia. Em Alexandre Escher, a música nunca surge como mera descrição do mundo. Ela nasce da necessidade de decifrar aquilo que não cabe em palavras comuns: a estranheza de estar em casa e, ao mesmo tempo, sentir-se estrangeiro.

Essa sensação de estrangeirismo íntimo, de estar bem, mas nunca completamente dentro, percorre sua obra como rio subterrâneo. Em Ventos de Arcádia, canção que carrega em si a essência de seu projeto solo, Escher admite nunca mais ter voltado **"pra onde um dia eu chamei de lar"**. Na canção, o artista fala de paisagens, rios, campos, mares e estrelas, mas a imagem central é outra: a de alguém que já não sabe exatamente para onde voltar. O verso conclusivo é o que talvez melhor defina sua existência artística: **"Eu moro em meu cantar"**.

### O Cientista que Escuta Moléculas

Essa dualidade não se restringe apenas à origem geográfica, mas também à sua formação intelectual. Escher é Mestre em Genética e Bioquímico que leciona na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Para ele, o microscópio e o violão não são ferramentas opostas. Ele rebate veementemente aquele velho preconceito, e bastante equivocado, de que a ciência e a arte habitam planetas diferentes.



**"A ciência não se choca com a arte, não, pelo contrário," ele afirma. "A própria ciência tem, por exemplo, fotografias incríveis, desenhos incríveis de moléculas. Elas têm fórmulas incríveis que são verdadeiras obras de arte."**

Essa dupla identidade, o gaúcho que vive no Pará, o cientista que canta, o professor que compõe, está longe ser uma contradição, é sumariamente o motor que alimenta sua obra.

### As experiências de Alexandre Escher



ALEXANDRE ESCHER (2011)

A trajetória musical de Escher nunca foi uma linha reta, pelo contrário, é uma rede de conexões que se entrelaçam ao longo dos anos. Um exemplo é a colaboração com o projeto Orquestra Estelar.



ORQUESTRAS ESTELAR - HUGO ALMEIDA, ALEXANDRE ESCHER E TERESA MONTEIRO



BANDA GEAR

Ele mantém até hoje a banda Gear, sendo projetos coletivos que o ensinaram sobre arranjo, sobre escuta, sobre a arte de ceder espaço.

Mas foi justamente o convívio com essas formações que revelou a necessidade de um espaço próprio, um lugar onde sentimentos que não cabiam em propostas coletivas pudessem respirar.

E assim que nasceu, em 2014, o projeto Phyxsius, seu primeiro laboratório solo. Inicialmente concebido como um CD físico com mais faixas do que a versão EP que chegaria posteriormente às plataformas de streaming, Phyxsius reuniu músicas que Escher vinha acumulando ao longo dos anos, peças que simplesmente não encontravam lugar no repertório das bandas onde atuava.

## Projeto Humanitarium - França



Ainda em 2014, outra experiência marcaria profundamente sua visão de mundo e de música. Escher participou do projeto Humanitarium, na França, ao lado de sete músicos de sete nacionalidades diferentes: brasileiro, etíope, italiano, alemão, estoniano, austríaco e sueco. O inglês funcionava como língua franca, ou melhor, como língua franca imperfeita, o que tornava a comunicação musical ainda mais dependente de intuição e disposição.



Foi nesse contexto que ele entrou em contato com instrumentos como o bouzouki e levou de presente uma viola caipira do Brasil. Sete músicos compostas em sete dias, que até hoje tocam em rádios do sul da França. A experiência redefiniu sua compreensão do que é possível quando se abre mão de fronteiras sonoras.



INSTRUMENTOS USADOS NO PROJETO HUMANITARIUM

**"Você percebe ali uma gama de coisas que podem ser feitas que pode aumentar o som, aumentar no sentido de torná-lo mais amplo... te tornar inteiro, que eu acho que esse que é o sentido da música"**

## Do rigor das bandas à liberdade do celular

Essa integridade artística manifesta-se hoje em uma escolha estética corajosa: o abraço ao lo-fi. Em seu projeto "Daydreams in D major (and some other keys)", Escher opta por manter registros feitos por celular, com eventuais erros de execução. "Os pequenos desacertos buscando uma perfeição inatingível é justamente o que nos torna humanos", defende ele, posicionando-se contra a música pasteurizada por algoritmos e inteligência artificial. Para o artista, a verdade de uma canção como "Let go", gravada de forma simples para suas filhas em 09/12/2025, vale mais do que qualquer perfeição técnica.

Isso contrasta diretamente com o que Escher identifica como a ameaça do momento: a música gerada por inteligência artificial e a tendência de algoritmos ditarem o que deve ser produzido e consumido. Numa música sem erro, ele enxerga a ausência de quem a fez. E uma música sem quem a fez, para ele, não é música, é produto.

**"Um conjunto de músicas que eu já vinha escrevendo a partir das bandas onde eu me encontrava, e que não cabiam com a proposta das bandas onde eu estava"**



Let Go, single lançado em dezembro de 2025, é talvez o exemplo mais preciso desse posicionamento. Gravada diretamente do celular, com uma letra escrita para as filhas, a canção tem a intimidade de algo que não foi feito para ser perfeito, foi feito para ser verdadeiro. Há nessa escolha um eco que vem de longe: Gilberto Vanderlei Boger, pai de Alexandre, foi uma presença musical que marcou fundo. Em uma publicação rara e despida de qualquer artifício, Escher escreveu sobre ele:



ALEXANDRE E O PAI, GILBERTO BOGER (RS)

**"Poderíamos e deveríamos ter tocado muito violão juntos ainda, pai... Eu sigo escrevendo e cantando aquilo em que acredito, como eu acho que você fazia... Muitas falam de nós."**

Dezenove anos depois da partida do pai, a herança permanece ativa como uma bússola. Escrever e cantar aquilo em que se acredita é uma forma de continuar uma conversa que o tempo interrompeu antes da hora.



Em 2 de fevereiro de 2026, ele lançou "Dreams", single de abertura do projeto Sages of Forest, uma colaboração com PC de Moraes e Éder Jofre Machado. As canções foram compostas em 2018, em Belém, e ficaram aguardando o momento certo. A mixagem e masterização ficaram a cargo de Fagner Pimentel, da Dois Mundos Produtora, em Minas Gerais.

**"Abordando uma tênue linha entre sonhos e pesadelos"**

O projeto Sages of Forest pretende culminar com a release de 8 a 10 singles até dezembro de 2026, construindo um álbum de forma gradual, mensal, quase como uma correspondência epistolar com o ouvinte. "The Bird", lançado em 6 de março, traz a arte de capa assinada por sua filha fotógrafa, mais uma camada de significado em uma obra que já é, por natureza, íntima.



**"The Bird é o pássaro na manhã de domingo, como a própria letra diz. Eu acho que trazendo uma mensagem muito bonita de esperança, uma mensagem de desapego"**

Os números, embora modestos na lógica das grandes gravadoras, são expressivos para um artista independente. "Coda of Life" alcançou 20 mil streams e integra 400 playlists de usuários em 2025. "Let go", lançada em 9 de dezembro de 2025, foi gravada inteiramente pelo celular e dedicada às suas filhas, um gesto que sintetiza sua filosofia: a tecnologia deve servir à emoção, nunca substituí-la.



## O lugar na cena



CAPA DO SINGLE CODA OF LIFE

No contexto da cena musical do Norte do Brasil, Escher ocupa um lugar singular. Não é um intérprete de carimbó, não é um cantor de tecno brega, não segue as fórmulas consagradas pela indústria regional. Sua proposta é outra: contar histórias urbanas, sentimentais, sobre as cidades do Norte e, principalmente, sobre as pessoas, o convívio, a percepção que se tem delas.

### "Eu vejo a minha ideia musical para a região Norte como uma ideia musical cosmopolita"

Sua filosofia de redes sociais reflete esse posicionamento. Escher prefere mil ouvintes no Spotify a dez mil curtidas no Instagram.

São quase 5 mil ouvintes mensais na plataforma de streaming, um número que, na lógica independente, se traduz em presença real, em pessoas que efetivamente escutam, e não apenas rolam um feed. **"Se a produção independente é sobrevivência, nós sobrevivemos"**. A frase não carrega ressentimento. É um diagnóstico de quem aprendeu a construir sem andaimes.

## O cordão de pérolas

Existe uma metáfora que Escher carrega consigo, e que talvez seja a melhor definição de sua trajetória. Ele compara a vida a um cordão de pérolas, não como algo linear ou previsível, mas como uma sequência de momentos que, de tão discretos, quase passam despercebidos entre os fios que os conectam.

**"A gente sempre diz que a nossa vida ela é feita de pérolas e de um cordão de pérolas. E cada pérola, ela é um momento legal, bonito na nossa vida. Então, às vezes a gente tem que passar por muito cordão até chegar numa pérola"**

Os projetos que estão por vir são novos fios sendo tecidos nesse cordão. Entre tubos de ensaio e afinações alternativas no violão, entre aulas de genética e noites de composição, Alexandre Escher constrói sua coleção de momentos, um por um, sem pressa, sem algoritmo, sem atalho.

Seja no Pará que o adotou, no sul que o gerou, ou em palcos internacionais onde o bouzouki e a viola caipira se encontraram, seu lar permanece aquele que ele mesmo edificou, verso por verso, melodia por melodia. O cientista que mora no cantar segue em travessia. É na travessia, como toda boa canção, não tem pressa de acabar.

# PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

## ALEXANDRE ESCHER

Alexandre Escher construiu sua trajetória entre o folk, a MPB e o rock, fazendo da inquietação e do sentimento de não-pertencimento a matéria-prima de sua obra. Vocalista da Gear e guitarrista da Orquestra Estelar, desenvolve paralelamente uma carreira solo marcada por canções intimistas, letras existenciais e uma sonoridade que explora o violão cru, a psicodelia e a delicadeza das baladas.

Seu primeiro trabalho solo, "Phyxsius", reuniu músicas que não encontravam espaço em seus projetos coletivos. Desde então, Escher passou a aprofundar uma escrita cada vez mais pessoal, visível em singles como "Coda of Life", "Let Go", "Dreams" e "The Bird".

Ao contrário de uma produção excessivamente polida, Alexandre escolhe preservar ruídos, hesitações e pequenas falhas. Muitas de suas gravações surgem de registros feitos no celular, posteriormente transformados em canções sem perder sua textura original. Para ele, "os pequenos desacertos buscando uma perfeição inatingível é justamente o que nos torna humanos". É dessa imperfeição assumida que nasce a força de sua música: canções honestas, frágeis e profundamente humanas.

### REDES SOCIAIS



**The Bird**  
06/03/2026



**Dreams**  
02/02/2026



**Let Go**  
09/12/2025



**Secret Garden**  
12/09/2025



**Coda of Life**  
20/06/2025



**As Far As I Know**  
07/04/2025



**Ventos de Arcádia**  
20/01/2025



**Breathe In**  
10/12/2024



**Phyxsius**  
05/04/2014



## Alexandre Escher em dissonância: entrevista exclusiva

Por Tião Folk

*Alexandre Escher é o raro caso de um bioquímico e mestre em Genética que transformou o laboratório de sensações em canções. Nascido no Rio Grande do Sul e radicado em Santarém, no Pará, desde os sete anos, o artista acumula 26 anos de estrada entre bandas, projetos internacionais e uma carreira solo que busca na imperfeição humana os pontos altos de sua criação artística. Em entrevista exclusiva concedida ao colunista e compositor folk Tião Folk para a Revista Dissonância, Escher abre o arquivo sem filtros: revela os detalhes mais crus da construção de sua obra, a constante busca por um lugar que nunca encontrou no mapa. Sem pose, sem autopromoção, ele fala como quem ainda está tentando entender o próprio sentimento e transforma essa dúvida em versos.*

**Dissonância: Qual a mensagem principal de sua obra como um todo?**

**Alexandre Escher:** *Eu acho que dentro de todos os projetos em que eu consegui participar e, e ajudar nos processos de composição, pelo menos a minha grande pergunta era onde é que é o meu lugar. A minha vida, eu nasci no Rio Grande do Sul, mas eu, eu vim pro Pará com 7 anos. Então, passei um bom tempo morando na minha cidade, Santarém do Pará. Depois eu acabei saindo, eu fui morar na capital do Pará, que é Belém. Depois eu voltei para Santarém. E eu sempre me sentia bem e ao mesmo tempo não fazendo parte de onde quer que eu estivesse. Então, eu acho que boa parte das coisas que eu escrevo é tentando até entender esse sentimento. Tem vezes que eu acho que eu tô com todas as respostas e tem vezes que eu acho que não tenho nenhuma.*

**Dissonância: Transição para o Solo: Após integrar diversas bandas, o que o motivou a lançar seu primeiro trabalho solo, o disco "Phyxsius"?**

**Alexandre Escher:** *O Phyxsius, ele surgiu primeiramente como um CD físico, no ano de 2014, e ele tem bem mais músicas no CD físico do que o que eu lancei nas plataformas de streaming. Eu acabei transformando o Phyxsius num EP. Sei lá, porque talvez, eu, às vezes eu tenho isso um pouco com a minha obra, né? Tem coisas que eu escrevi, que eu não sei se representa o que eu sou hoje. Ou como eu me sinto hoje em relação àquela época, mas todas têm uma importância muito grande. E o Phyxsius, ele foi um conjunto, na verdade, de músicas que eu já vinha escrevendo a partir das bandas onde eu me encontrava, e que não cabiam com a proposta das bandas onde eu estava. Mas ao mesmo tempo eram sentimentos, eram coisas que eu precisava expor, colocar. E foi uma ótima oportunidade, porque ao fazer um CD solo, eu consegui colocar pessoas que tinham tocado comigo em momentos distintos da vida. E basicamente eu consegui fazer todos os meus amigos músicos, as pessoas mais próximas participarem dessa obra. Então, essa transição, ela começa a partir do momento em que a gente escreve essas canções. E, se você tá escrevendo canção diferente do projeto onde você tá naquele momento, é porque você se sente diferente. Acho que foi isso. Essa ideia de compor, não em conjunto com várias pessoas, mas fazer músicas com violão e voz e, de repente, depois transformar essas músicas em outra coisa, em outra versão. Mas músicas que podem ser colocadas, por exemplo, numa versão acústica.*

**Dissonância: Ao longo de 26 anos de carreira, é natural vivenciar uma evolução na sonoridade. O que diferencia o Alexandre Escher de hoje daquele da época das bandas Gear e Orquestra Estelar? E o que você mantém até hoje na sua identidade musical?**

**Alexandre Escher:** *Na Gear, ela continua até hoje. E, e a Orquestra Estelar, ela é um projeto. Nós somos muito amigos também. E a Orquestra Estelar é um projeto que a gente se reúne e faz as coisas quando dá pra todo mundo. Mas a Gear continua bem ativa. Eu acho que, eu acho que a diferença da sonoridade, ela passa agora nesse trabalho atual, porque eu tava vivendo um, passei por um tempo vivendo meio que um bloqueio criativo. Ou, ou era isso, ou as coisas que eu escrevia, de repente, eu terminava e já não achava muito interessante. Então não levava pra frente. E aí, um dia eu comecei a estudar, de repente, novas afinações de violão, comecei a estudar violões afinados, a gente conhece como DADGAD; ou DADDAD; ou DROP IN C. E, eu acho que isso aí acabou me dando uma nova vida, porque grande parte dessas minhas músicas, acho que de 2024 pra cá, elas têm sido gravadas em outras afinações e isso me permitiu também expressar sonoramente as letras que eu tinha de uma outra maneira. Considero esse um dos fatores mais importantes. E não perder aquela essência que eu sempre gostei, que é do cancionero dos grandes poetas. Sempre escutei Bob Dylan, Jim Croce, no Brasil, sou fãzasso do Geraldo Azevedo, Zé Ramalho. Outros cancioneros, bandas também, Beatles, que no início levava muito o violão. Então, enfim, eu acho que esses fatores, eles acabam contribuindo muito, muito, muito, pra que essa sonoridade, ela, eu não sei se ela evolui, se ela fica melhor, mas ela, eu acho que te representa melhor naquele corte daquele retrato de tempo.*

**Dissonância: Além de artista, você é Bioquímico, Mestre em Genética e professor na UFOPA. De que forma o rigor da ciência e a liberdade da arte se complementam (ou se chocam) na sua vida?**

**Alexandre Escher:** *Eu acho que a ciência, ela não se choca com a arte, não, pelo contrário, né? Para mim é um grande privilégio poder trabalhar na Universidade Federal do Oeste do Pará como, como professor do curso de Farmácia. É uma, é uma, é uma outra profissão, outro lado que eu tenho também. E tem muita arte na ciência, né? Além da gente entender que a, a própria música em si, além de arte, ela é uma ciência, né? Mas a, a própria ciência, ela tem, por exemplo, fotografias incríveis, desenhos incríveis de moléculas. Elas têm fórmulas incríveis, né? Eh, que são verdadeiras obras de arte.*

*E, ao contrário do que muitos pensam, de repente, né, a ciência, ela não serve como um simples contraponto a uma opinião, né? Então, falo alguma coisa, simplesmente enumerando ou jogando, né, dogmas científicos como se aquilo tivesse de ser uma verdade absoluta, porque pensa, né? Os próprios modelos atômicos, eles foram evoluindo ao longo do tempo, né? Então, imaginava-se o átomo de um jeito, hoje já, já se imagina do outro. Eu acho que a ciência e a arte, elas manifestam em vários estágios da sua história, eh, graus de evolução incríveis, com histórias incríveis e personagens incríveis.*

**Dissonância: Músicas como "Breathe in", "Coda of life" e "Dreams" mostram um lado internacional. O que te leva a escolher o inglês para expressar certos sentimentos em vez do português?**

**Alexandre Escher:** *Essa é uma coisa que muita gente me questiona: 'pô, porque você não escreve música em português?'. Na verdade, eu acho que a maior parte do meu cancionário, ele é em português. Se juntar uns outros trabalhos que eu pude fazer, eu acho que, nos últimos dois anos talvez eu tenha colocado um pouco mais o inglês. Eu comecei a estudar muito cedo, fiz algumas viagens, uma delas em especial, onde eu fui me apresentar, na verdade eu fui fazer parte de um projeto musical na França, onde nós éramos ali sete músicos de sete nacionalidades diferentes. Então imagina como é que um brasileiro, uma etíope, um italiano, uma alemã, uma estoniana, um austríaco e um sueco, como é que eles vão conseguir conversar, né? Então, o inglês era nossa língua em comum. Eu acho que essa tonalidade, ela é uma coisa que ela é legal, a língua portuguesa ela tem muito mais verbetes, muito mais maneiras de se dizer as coisas, mas eu tenho também uma, sei lá, um objetivo, eu gostaria muito que as minhas músicas elas chegassem em públicos assim. Claro, todo mundo gosta de música brasileira, que fique bem claro isso; e eu canto melhor em português do que em inglês, é óbvio, né? Porque é a minha língua nativa. Mas eu acredito que estou buscando, de repente, chegar com as letras em inglês em lugares onde talvez eu não consigo, não consiga chegar executando somente a minha língua materna. Mas eu tenho várias músicas em português, e, enfim, adoro todas elas.*

**Dissonância: Qual a mensagem do novo single The Bird?**

**Alexandre Escher:** *The Bird e o Dengo, né? Acho que a música, mais ieieie que eu tenho. Ela não é uma música minha, ela é uma música feita a seis mãos. Ela é uma, na verdade, uma parceria. A gente está lançando como três artistas mesmo. Eu, PC de Moraes e Éder Joffre Machado, que são dois músicos incríveis em Belém. E apesar de ser uma música inédita, essa música ela foi concebida em 2018. Ela faz parte de um projeto que a gente está fazendo a seis mãos, como eu falei anteriormente, e é onde a gente vai estar lançando, sei lá, pelo menos uns, uns oito singles aí esse ano pra configurar um álbum no final do ano. Acho que entre oito a dez singles até dezembro. E The Bird foi uma alegria. A arte da capa, ela é da minha filha, que é fotógrafa. Ela foi mixada e masterizada por um grande amigo, um produtor musical, que é o Fagner Pimentel, produtor mineiro lá de Conselheiro Lafaiete. The Bird é o pássaro na manhã de domingo, como a própria letra diz. Eu acho que trazendo uma mensagem muito bonita de esperança, uma mensagem de desapego, de entendimento sobre as coisas que são necessárias, pra que a gente possa voar, pra que a gente possa voar de maneira plena. Então, eu tô muito feliz com The Bird. Estou muito feliz. Eu espero que todo mundo curta The Bird também.*

**Dissonância: Como a imersão na França com músicos de sete países diferentes (como Etiópia e Estônia) impactou sua visão sobre a produção musical global?**

**Alexandre Escher:** *A imersão na França, ela mudou, eu sempre gostei de folk. Mas a imersão na França, ela mudou o meu entendimento sobre o que é que eu estava fazendo em termos musicais, porque esse projeto, eu poderia só dizer que ele é música folk, mas ele, na verdade, é música mundial, porque ali eu tive contato com instrumentos que eu não tinha, eu nunca nem tinha visto alguém tocar. Por exemplo, tinha ali um bouzouki. Eu levei do Brasil para a França, uma viola caipira, que é um instrumento nosso, e eles adoraram ali também. E ali então tinha violino, tinha cello, tinha flautas de diferentes construções, além do violão, várias vozes. E, então, eu acho que essa sonoridade, ela, que a gente compôs ali sete músicas que tocam até hoje em rádios do Sul da França, na região de Toulouse, enfim, ali nos Pirineus. A gente chegou a fazer entrevistas em rádio. Então, tem o airplay, que a gente vai na rádio e toca as músicas também.*

*E ali, eu acho que quando eu voltei da França, eu passei duas semanas ali, quando eu voltei, eu conversei com um baterista que toca comigo até hoje, eu falei: "Cara, eu acho que a gente está fazendo alguma coisa aqui que está faltando, para a gente ficar feliz com o próprio som." Então, eu acho que essa imersão, não é que o que você estivesse fazendo antes, ele não está certo, sabe? Mas você consegue, você percebe ali uma gama de coisas que podem ser feitas que pode aumentar o som, aumentar no sentido de torná-lo mais amplo, torná-lo não só uma parte de ti, mas, mas te tornar inteiro, que eu acho que esse que é o sentido da música. E ter tido esse contato, ele me permitiu isso, ele me permitiu enxergar isso aí. E que se eu não conseguisse isso aí, pelo menos que eu fosse buscar por isso, né? Então, essa imersão, esse aprendizado que eu tive, eu carrego para a vida, para as letras, para as músicas, para o mundo.*

**Dissonância: Com a previsão de lançar novos singles e um álbum inédito, como você enxerga o seu papel na cena musical da Região Norte atualmente?**

**Alexandre Escher:** *É difícil falar como é que eu me enxergo. Eu me enxergo bem pequeno. A gente tem alguns expoentes aqui da região Norte que são simplesmente incríveis, que têm uma sonoridade muito característica. Eu acho que quem conhece o Norte, quem já veio para cá, teve pelo menos em algum momento em alguma de suas passagens ali, é, o vislumbre das belezas que a gente tem, não só de recursos, eu acho que a beleza da nossa gente mesmo, no trato, na recepção, enfim, o sentimento do povo do Norte ele é um povo muito quente. E isso não tem a ver com questões geográficas, ele tem a ver com a sensação de afeto que ela é espalhada sempre. Enfim, eu não sei que energia mágica é essa que rola aqui, mas isso aí é uma, enfim, e é uma máxima, né? 'Se tu vens pro Norte aqui tu vais ser bem recebido'. E aí, além disso, das belezas naturais, da beleza do povo, a gente tem os tesouros musicais, os ritmos, né? Carimbó, Siriá, a gente tem, enfim, a fauna e a flora, as comidas. E eu acho que tem muita gente falando sobre isso, tem muita gente boa falando sobre isso, no passado e hoje no presente. E, às vezes, eu gosto de falar um pouco mais sobre Santarém, sobre Belém no tempo que eu morei, dentro de um aspecto mais urbano, que são cidades grandes, Santarém tem mais de 300.000 habitantes, Belém tem mais de um milhão, assim como outras cidades aqui do Pará, que têm praças, parques, bancos onde namoros já começaram, já terminaram, portões de escola onde já aconteceram tantas coisas na vida das pessoas, passeios, enfim, é um lado, eu acho que bem sentimental.*

*Eu vejo a minha ideia musical para a região Norte como uma ideia musical cosmopolita. É uma ideia musical onde eu vou cantar sobre Santarém aqui, então eu falo sobre a minha terra, eu sempre coloco que a gente tem um rio bellissimo, a gente tem várias coisas que são belas, a gente tem também as pessoas. Então, acho que se eu fosse resumir, de repente, eu acho que o meu papel na música do Norte seria falar sobre as pessoas do Norte, sobre o convívio, sobre a percepção que eu tenho delas, a percepção que eu acho que elas têm, ou a percepção que eu acho que eu tenho, mas eu acho que Santarém de uma cidade grande como é, e com tantas pessoas diferentes e com tantas histórias bonitas, essas histórias também merecem ser contadas. Acredito que esse é o meu papel. E, acima disso a gente fala nesses singles que já saíram, nos próximos singles que a gente vai estar lançando, sobre temas que, que afligem o mundo todo. Então, a gente já conversou sobre ansiedade, a gente já falou sobre desapego, a gente fala sobre esperança, a gente fala muito sobre amor, a gente fala sobre o mundo meio cinzento, mas às vezes bate um sol ali e esse sol, ele é uma pérola no meio daquele cordão. A gente sempre diz que a nossa vida ela é feita de pérolas e de um cordão de pérolas. E cada pérola, ela é um momento legal, bonito na nossa vida. Então, às vezes a gente tem que passar por muito cordão até chegar numa pérola. E acredito que cada vez que a gente consegue contar uma história, ela é uma pérola.*

**OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA**



**[CLIQUE AQUI](#)**

# A ESTRANHA VIZINHA DA RUA DE TRÁS

Um conto de Hélio Silva

Não havia nenhuma nuvem no céu, no dia em que o cachorrinho de Dona Maria fugiu outra vez pelo portão. Com o calor, ela mal teve vontade de ir busca-lo, apenas se abanou com o vestido de chita, enquanto lançava gritos de “venha aqui, Bombom” para o bolonhês, que dava nas patas, virando à esquerda na esquina.

Dona Maria ajeitou os cabelos meio brancos, meio pintados, atravessou o quintal de volta para casa. Tomou um copo d’água. Viu o marido dormindo na frente da televisão. Era meio dia e a moça do tempo dizia que iria chover mais tarde. Melhor ir rápido. Depois, avisava o marido da saída, quando ele parasse de roncar. Ou a Claudete do 200 dava com a língua nos dentes – fofoqueira que só.

Calçou, nos dedos rechonchudos, os chinelos de sair. Sentiu uma leve dor no calcanhar. Era o “esporão” de sempre, nada com o que se preocupar. Atingiu o que, para sua idade, era boa velocidade e seguiu para a rua de trás.

O sol estava de rachar e as calçadas irregulares não ajudavam a pegar boas sombras. Dona Maria precisou, com uma das mãos, tapar a vista do sol. Ninguém na rua, nesse horário de domingo. Uma caixa de som tocando ao longe, algumas fumaças esporádicas de churrasco e uma senhora com um cachorro, lá na frente, em uma casa escura salpicada de pintinhas brilhantes.

Era ele? Sim, ele mesmo. Ufa, desta vez, até que Bombom não dera muito trabalho! Dona Maria se aproximou, com a mão esquerda nas cadeiras e o chinelo fazendo chape-chape no asfalto. Surpreendeu-se de uma árvore aparecer diante da sua vista, lá na calçada da vizinha, como se fosse descoberta pelo sol. Talvez, fosse coisa da vista, devia ter trazido os óculos.

Conseguiu chegar até lá e apareceu agradecendo-a pela sombra:

– Ô, bendita seja essa árvore da senhora, hein!

– Oi, Dona Maria – a vizinha cumprimentou, fazendo carinho no Bombom, enquanto ele bebia água numa bacia em seu portãozinho. Ela tinha um sorriso bem conservado, despreocupada do tempo e do olhar de estranhamento que era lançado para seus cabelos roxos. Preferiu prosseguir o assunto: – Até que a senhora veio rápido, hein!

– Pois é, mulher – Dona Maria desviou o olhar daqueles estranhos cabelos de algodão-doce – Esse cachorro vive fazendo isso. Ele cisma com essa rua.

– É... A sorte é que hoje eu estou aqui. Né coisa fofa? dirigia-se ao cachorro, depois retomava a conversa com a outra senhora – Só tem que tomar cuidado para o seu marido não reclamar muito. Bolonhês é coisa cara!

O sol estava de rachar e as calçadas irregulares não ajudavam a pegar boas sombras. Dona Maria precisou, com uma das mãos, tapar a vista do sol.

Ninguém na rua, nesse horário de domingo. Uma caixa de som tocando ao longe, algumas fumaças esporádicas de churrasco e uma senhora com um cachorro, lá na frente, em uma casa escura salpicada de pintinhas brilhantes.

Dona Maria não recebeu bem o comentário. O que significava aquilo? A língua de Claudete era grande, mesmo.

– Ora, como a senhora sabe se meu marido reclama?

– Ah, minha filha, homem é um bicho complicado.

Pelo comentário, Dona Maria desarmou-se com um sorriso. Mesmo assim, não queria deixar o homem sozinho em casa. Isto seria dar asas a Claudete. Aproximou-se para pegar Bombom, mas o danado virou as nádegas e deu três pulinhos para dentro da casa de... Quem era aquela vizinha?

– Mas esse cachorro! Pra eu não entrar na casa da senhora, teria como pegar ele pra mim?

– Imagina, pode entrar. O portãozinho está até aberto!

– Ah, obrigada. E a senhora, como se chama mesmo?

– Bem, é um nome que não se usa mais hoje em dia.

– Pois a senhora é antiga aqui, é?

– Sim, moro aqui muito antes da senhora. Me chamo Santinha.

Realmente, era um nome incomum. Mas Dona Maria estava mais preocupada em pegar o cachorro. Parou seus poucos passos assim que viu o cachorro ir para perto da entrada. Uma luz avermelhada saía pela porta aberta da sala de estar. Passaram pela sua cabeça indecências a respeito da tal “Santinha”.

– Eu, eu... acho melhor não entrar, não.

Percebendo o susto da outra, Dona Santinha adiantou, com sorriso, uma explicação:

– Essa luz? Não se preocupe. É coisa do meu trabalho...

– Pois é justamente por isso que não entro!

– ... Que nada, menina! Eu trabalho é no ramo de transporte!

Ramo de transporte? Ah, conta outra! Dona Maria não acreditaria nisso. Felizmente, Dona Santinha se mexeu para pegar o Bombom, que veio tranquilo em seus braços. Mas, agora, o mosquitinho da curiosidade investigativa tinha picado a senhora de cabelos grisalhos. E vinha bem a calhar, já que outro destemido vinha caminhando com suas sandálias sob o sol, com duas sacolas de mercado.

– A senhora disse que é antiga aqui. Eu não lembro da senhora nesse bairro, não! – Dona Maria fez questão de falar alto, para fisgar o novo interlocutor.

– Ah, mas eu sempre estive aqui. Sou mais antiga que o Seu Aristides, né mesmo? – essas palavras surpreenderam Dona Maria, já que se dirigiam ao próprio Aristides.

– Oooopa! – ele disse, analisando a construção e a senhora que tinha diante de si. As pernas meio em arco foram parando e ele lançou um incompreensivo olhar para Dona Maria. – Como é que vai? – ele disse rapidamente, antes de emendar a seguinte pergunta:

– Essa casa estava aí quando eu fui?

Dona Santinha caiu na gargalhada, com as curiosidades. Um bom entretenimento para a tarde.

– Pois é, seu Ari. Eu não lembro da Dona Santinha por aqui.

– É... E essa mangueira aí. Sombrinha boa, hein!

– Pois é – Dona Santinha juntou – Essa foi a primeira mangueira da rua. Quando tudo isso aqui era mato! O seu pai nem tinha pulado a cerca, ainda.

Seu Aristides deu um pulo, quando notou que o olhar era dirigido a ele.

– Que isso, minha senhora? Meu pai do céu nunca fez nada disso!

– Ai, ai... Tal pai, tal filho.

Seu Aristides não queria engolir desaforo, ao mesmo tempo que não conseguia abrir a boca para soltar algo capaz de retrucar. Conseguiu apenas deixar cair um murcho “Ora, essa” e se pôs a andar, sendo logo interrompido por Dona Maria, que chamava a vizinha mais jovem, vinda de seu portão, após pôr o lixo para fora.

– Boa tarde, Elizete!

– Boa tarde Dona Ma... Eita! Que árvore grande, hein!

Elizete arregalava os olhos, enquanto Dona Santinha se encostava ao portãozinho rosa, com o pequeno Bombom em seus braços. Ele lhe lambia a face, com um amor que apenas poderia dedicar à dona. Isto franziu os olhos de Dona Maria, que engoliu saliva para manter firme a garganta. Ela teria muito o que falar, embora fosse a senhora do cabelo roxo quem puxasse o assunto:

– E como anda a filhota, hein, Elizete?

– Senhora?! Mas, eu nem tenho filha...

– Ora... – Dona Santinha disse, sorrindo e relaxando os olhos – Então, uma passadinha na farmácia fará bem.

Elizete, agora, tinha uma explicação rápida para os estranhos sintomas dos últimos dias. E uma outra sensação se apoderava dela, só podendo ser expressa por uma pergunta feita em uníssono pelos três:

– QUEM É A SENHORA?!

Se a coisa fosse fácil de descobrir, eles não teriam terminado lá para o anoitecer, nem teriam reunido a multidão que agitou o pequeno Bombom, o qual teria dado umas dentadas em certas mãos se Dona Santinha não o acalmasse com sua própria tranquilidade.

A primeira onda chegou após o horário de almoço. Eram senhores e senhoras envolvidos com trambiques e traições, ou gente com segredos menores, coisa pouca como um choro por conta dos filhos ou uma lástima por conta de intrigas familiares. Todos eram tragados até o portão para terem suas vidas desnudadas pelo olhar clínico de Dona Santinha.

Alguns esqueceram o feijão no fogo, tendo sido avisados pela própria senhora da casa escura. Correram para apagar o fogão e, quando voltaram, pegaram fila de quarteirão, com gente cada vez mais jovem se somando ao conjunto dos intrigados.

Com todos, Dona Santinha era rápida no atendimento – e piadista.

– Trate as hemorroidas, seu Luiz. Homem teimoso.

– Mas eu não tenho isso!

– Só quem não tem isso é o hamster da Zumira. Mas fica de olho, Zu, que logo ele parte dessa para melhor!

– Como assim?

– Próximo!

E vieram os próximos. Os daquele bairro começaram a correr o boato de que a Dona Santinha, na verdade, era a própria Claudete do 200. Mas o correr da fila trouxe gente de outros bairros, vindos a pé, ou de carro e ônibus, causando transtornos em diversos trechos da rua principal. Portanto, não, a língua de Claudete não alcançaria tamanha quilometragem.

A procissão começou a atrair as crianças, em seu horário de sair da escola, ou mesmo aquelas que tinham faltado aula, e Dona Santinha mantinha seus serviços, adaptando suas revelações para aqueles de menor idade.

– Olha, você pare de roubar pipa do Joãozinho – disse ao Zézinho. Joãozinho arregalou o olho e Zézinho logo confessou:

– Só roubei porque você não devolveu minha bicicleta!

Bastou um olhar de Dona Santinha e eles entraram num acordo de devoluções. Assim também faziam outras pessoas, que traziam suas rugas para o meio das filas já desordenadas. Mas, enquanto diminuía as contendas, aumentava-se a curiosidade e cabeças começavam a se espremer para desvendar a luz alaranjada que vinha da casa escura.

Era Bombom quem impedia que entrassem naquele local, representando um risco aos mais audazes. Entretanto, quando Dona Santinha percebeu uma movimentação aumentando lá na esquina, checou o relógio e concluiu que já tinha conversado demais com o povo.

Parou de prestar tanta atenção aos intrusos, pegou Bombom no colo para acalmá-lo novamente e prontificou-se para responder aquele que vinha acompanhado por um séquito de seguranças. Ninguém mais, ninguém menos, que o próprio prefeito da cidade. Valeria a pena atender este último, apesar do rosto de poucos amigos que ele arrastava por entre a multidão.

Tomou o lugar onde antes estivera espremida Dona Maria, agora desaparecida na multidão. Virou-se para analisar as pessoas em redor, enquanto os seguranças montavam um círculo de contenção.

Não era bom, com as últimas denúncias, estar assim no meio do povo. Ele tentou organizar rápido a situação:

– Minha senhora, o que está havendo aqui?

– Seu prefeito! Boa tarde – Dona Santinha contrapôs calma às palavras secas do prefeito – O povo veio se consultar comigo, hoje. Tiraram o dia para isso, e olha que logo eu tenho que ir dormir para trabalhar.

– Acorda cedo amanhã? – ele questionou, ajeitando os óculos inquisidores.

– Sim, sabe como é: ramo de transportes. O senhor conhece bem!

A voz de Dona Santinha era ouvida por todos. O homem tremeu por trás das lentes. A última manchete do jornal tratava justamente disso: o escândalo no preço da passagem de ônibus. A única prefeitura da região a cobrar tarifas mais altas.

Um “É mesmo” surgiu no meio da multidão, sendo acompanhado por “E os ônibus?” e o reboliço voltou à tona.

Formou-se um empurra-empurra, com gente aproveitando para saltar muro adentro e matar a curiosidade a respeito do estranho brilho na casa. Logo, os próprios seguranças conseguiram conter os ânimos e parar os que pulavam.

Conforme o sol ia descendo, sem ser percebido, no horizonte, a luz da casa escura atraía mais atenção. O laranja começava a ficar mais fraco, quase sumindo. Até que sumiu, mesmo, sendo substituído por um brilho branco e intenso que parecia vir de outro cômodo.

Todos estavam apreensivos, até mesmo Bombom sentia seus pelos se enrijecerem com o brilho estranho que se aproximava. Dona Santinha gargalhou, percebendo o medo do cachorro e se adiantou com a explicação:

– Bem, aí está o meu trabalho!

Foi Dona Maria quem apareceu na porta com uma brilhante foice preta na mão. Do objeto sombrio saía uma luz branca que crescia até tomar conta de quem o segurava. Dona Maria tentava falar enquanto caminhava lentamente, mas nenhum som saía de sua boca, por mais que ela mexesse os lábios.

Dona Santinha desgrudou-se rapidamente do muro e foi à varanda, socorrer a outra senhora:

– Me dê isso aqui! Isso você não pode pegar – ela disse, pegando a foice, que cresceu, parecendo respirar na mão da dona, puxando para si a atenção de todos os olhares.

O prefeito, espantado, deixou os óculos penderem sob seu nariz e lançou um grito para Dona Santinha:

– O QUE É A SENHORA?

– Eu? Ah, muito simples, meu querido. Eu sou a Morte!

Todos soltaram um suspiro de espanto diante da revelação. Dona Santinha fez questão de explicar um pouco da prenda que pregara naquelas pessoas – ainda que não tivesse a mínima obrigação disso. Aproximou-se do portão e, mesmo com voz calma, pôde ser ouvida por diversos quarteirões.

– A gente não pode nem aproveitar uma folguinha, hein? Bom, talvez eu tenha perdido a noção do tempo. As coisas se passam num ritmo diferente para mim. Enfim, faz parte do meu trabalho.

– Ma... Ma.... Mas e o ramo de transportes? – Dona Maria disse, meio sem confiança.

– Ah, é transporte de almas. Elas vão daqui para ali, mas eu nem posso dar muitos detalhes. Sabe como é, sou uma motorista discreta...

Parou um instante para contemplar os rostos que tinham diante de si. Encaminhou-se para a conclusão:

– Bem, acho que, por hoje, já tiveram aventura demais. Amanhã, vocês não vão guardar o que viram. Mas, mesmo assim, eu espero que se lembrem de não ficar brigando por besteira. Ninguém come briga, nem dinheiro, né seu prefeito?

Os seguranças tiveram trabalho para segurar o desmaiante, após essa informação. Dona Santinha fez alguns movimentos circulares com a mão, enquanto deixava suas últimas palavras daquele dia:

– Da próxima vez, eu prometo que serei mais discreta! Agora, a noite já chegou e todo mundo tem que acordar cedo amanhã. Vai que alguém precisa de uma carona...

Bastou um estalar de dedos, veio a chuva. Neste momento, o olhar de todos se escureceu e apenas uma risada forte foi ouvida ecoando sobre o tapete universal do silêncio e da indiferença.

Dona Maria abriu os olhos já na cama, após uma noite sem sonhos. Ou teria aquilo sido um sonho? Ela não sabia dizer. Ao seu lado, o marido roncava – pelo menos, não muito alto.

Ela calçou os chinelos, foi para a cozinha preparar o café. Dali, podia ver Bombom dormindo perto da porta da sala. Dona Maria caminhou na direção do cachorro.

Sentiu uma leve dor no joelho. Antes era o pé, agora o joelho. Sempre havia esses problemas, nessa idade.

Era uma gracinha o cochilo de Bombom. Ela abriu a janela para começar a arejar a casa. Sentiu o sol entrar bem iluminado, mesmo a essa hora da manhã. Tudo muito bonito, mas algo naquele sonho, que começava a desaparecer, ainda tinha deixado ela encucada. Aquilo deveria ter um significado.

Ah, sim! Tinha algo a fazer. Comprar uma coleira para o Bombom. Vai que a Claudete resolve pegar o cachorro fujão. E ela iria reclamar para devolver. Isso se não espalhasse para a vizinhança: “Maria não cuida nem dum bichinho, que dirá do marido”. Claudete... A linguaruda!

#### SOBRE HÉLIO SILVA



**Hélio Silva é escritor de contos, poemas e crônicas jornalísticas que provocam reflexões profundas sobre o Brasil contemporâneo.**

**Na Revista Dissonância, Hélio revisita seus próprios contos e oferece análises sobre obras de autores brasileiros, estabelecendo pontes entre gerações literárias.**

# ESTAR NA DISSONÂNCIA NÃO É SORTE É CONSEQUÊNCIA

Quem sabe a próxima capa seja a sua

